

# REVISTA 777

ANO III - VOL.12



# EDITORIAL

Lindas flores vernais:

Faze o que Tu queres há de ser tudo da Lei.

Nesses anos da Revista 777 como voluntários enfrentamos situações desafiadoras: erros que passaram apesar da revisão, aquela imagem desbotada, aquele link que não funcionou, aquela edição final que atrasou algumas horas. Mas como bons “probacionistas-777” que somos, persistimos como o amaranto perenial: e demos as nossas voltas ao redor do Astro Rei trazendo uma qualidade jamais antes vista em publicações trimestrais sobre Thelema e Mágicka. E por falar em probacionistas: precisamos valorizar nossos Probacionistas!

Com esse espírito de acolhimento para que nossos Probacionistas - e todos os outros, de leigos, estudantes a Magistri Templi - tenham toda a atenção que seu merecido esforço conclama, convidamos a todos que acendam seu incenso e tragam suas flores ao altar pessoal, para que celebremos o Equinócio de Primavera que bate à porta e nos unamos ainda mais nessa fase de pandemia que assola muitas famílias. A Mãe cessa de se lamentar: não há mais morte, não mais desolação, não há mais choro, não há mais dor! Toda a existência é pura alegria: “Arde, usufrui todas as coisas de senso e raptura”. É o Tesão que vem trazendo o glorioso Sol para nós e estamos juntos em mais uma edição recheada de bom conteúdo. Demian com sua Arte, Nihil nos sussurrando Plotino, Simplicidade cantada por Meraki. Tem até um cordel pelo nosso querido filho de Ísis e Osíris, Hoor418! Des eaux internationaux temos entrevista com Robert Flores concedida ao amado Alan, a continuação do texto “Demonolatria” e Frater Eudaimon nos traz o “Chemical Wedding” em seu artigo. Frater IAO136 traz a perspectiva aeônica e Soror Ignis traz seu texto primaveril repleto de Atus e contextualização de Ostara. Ainda na linha dos éons, Soror S.I. V.A. nos convida a refletir sobre a sociedade. E no convite à valorização do probacionista rogado logo no início, Soror VBTyr 3111 nos traz um texto sobre esse estágio e também uma belíssima arte, assim como a de Jeliane.

Ser um Neófito a serviço da Santíssima Fraternidade é indicador de capacidade de sobrevivência, resiliência, persistência e sede de autoconhecimento: ainda assim não é garantia do conhecimento e conversação da A.A. ou mesmo do Sagrado Anjo Guardião. Muitas vezes a potencial consecução de um Neófito, um Zelator ou qualquer outro estágio da Santíssima Fraternidade desaparece por falta do estímulo correto durante o início da jornada - nos estágios de Estudante dos Mistérios e Probacionistas. Alguns estudantes são jogados às traças e mal visualizam uma motivação para enfrentar a literatura. Os integrantes da Ordem Externa são como diamantes que precisam ser lapidados por seus

próprios esforços, e cabe ao seu Instrutor compartilhar o pouco que tem como exortação à Grande Obra - se não se propõe a fazê-lo, que não instrua. Valorizar o probacionista e seu esforço inicial é ajudá-lo a fazer a diferença em vias de fato e reconhecer seus avanços quando ocorrem. O Probacionista é a própria Luz Sem Fim manifestada no Reino.

Feliz Equinócio de Primavera!  
V.I.A.O.V.

# SUMÁRIO

- 5** A tal da simplicidade
- 11** O Aeon da Mudança
- 13** Arte: Babalon - Soror VBTyr 3111
- 14** O Aeon da Criança Coroada e da Mulher Empoderada
- 22** Aleister Crowley no Cinema - Parte II
- 30** Poesia: Cordel da Linhagem
- 33** Entrevista com Robert Flores
- 42** Nova Perspectiva Aeonica - Uma Busca por Aeons
- 50** Demonolatria Thelêmica - Exercícios e Práticas
- 58** Arte: Jeliane
- 59** A Luz é uma Só - Plotino e a Verdadeira Vontade
- 63** A Arte na Arte
- 65** “Os escravos servirão”. Uma analogia de uma experiência pessoal limitante no caminho do grau de Probacionista

# A TAL DA SIMPLICIDADE

**Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.**

A tal da simplicidade...

Quando li pela primeira vez sobre o Taoísmo, fiquei encantada, mas ao mesmo tempo confusa. Meu primeiro contato com ele foi através do livro “Wu Wei- A arte de viver o Tao”, que um amigo na ocasião me recomendou.

Na época, há uns quatro anos ou mais, eu estava iniciando meu contato com diversos assuntos, e minha compreensão de muitos deles era muito básica e superficial. Além de tudo eu sempre fui muito racional, tentando entender as coisas por meio de explicações e teorias, e com o Taoísmo não foi diferente. Grande erro meu...

Ao ler diversas coisas nesse livro, muitas delas eu achava que compreendia, e quando me deparava com frases como “pensar sem pensar”, “agir através da não ação” eu simplesmente “travava”.

“Como assim?” – pensava eu... “Como posso pensar em algo sem pensar?”

Eu não compreendia o que aquilo queria dizer, e passava algum tempo presa em pensamentos circulares tentando explicar para mim mesma o que seria aquilo.

Foi aí que comentando com esse meu amigo ele me deu um exemplo, simples e até engraçado...

“Imagine que você está fazendo algo, e você vê macacos dançando... Você olha com surpresa e diz: ‘- Olha, macacos dançando.’ Sorri. E volta a fazer o que estava fazendo, sem que aquela visão te distraia ou te perturbe.”

Foi aí que percebi que nossa mente pega um fio e se prende, se perdendo no emaranhado. Ao ver macacos dançando, certamente o pensamento seria: “Olha! Macacos dançando... eu gosto de dançar, já fiz aula de dança. Me lembro uma vez que fui em uma apresentação e estava chovendo. Estava um pouco frio. Ontem fez frio aqui, aproveitei para tomar um chocolate quente. Ficou muito gostoso, pena que eu não tinha um bolo pra acompanhar. Mas eu estou de dieta, nem estou conseguindo ir para a academia. Acho que seria legal ir caminhar na praia quando fizer um sol...”

De repente, já nem sabemos mais onde estamos em nosso pensamento. Como fomos parar lá.

A mente simplesmente vai puxando um fio atrás do outro. Então a não ação, não é simplesmente ficar inerte, mas é não se deixar levar, não ser arrastado pela corrente de sentimentos, pensamentos, emoções, sejam coisas boas ou ruins.

Lendo sobre os estóicos, pude perceber uma relação. Agir dentro do que nos cabe, e aquilo que não nos cabe... não nos cabe agir e fim. Não tem o que ser feito? Qual o motivo do estresse então?

Para mim, foi e ainda é às vezes um tanto complicado encontrar o equilíbrio desse não agir. Novamente digo, não é uma inércia ou indiferença. Mas é não se deixar perturbar. Não ser enredado nessa teia de fluxo de ação contínua que nos rodeia.

Recentemente adquiri um livro “O Tao do Pooh”. Sim, aquele Pooh, o ursinho. O livro traz, em uma linguagem simples, conceitos sobre o Taoísmo. A linguagem simples, esse é o segredo.

O Tao é a simplicidade da vida. É o que É. Sem “explicações racionais”. É o fluxo que nos cerca. É cada coisa em seu lugar.

Logo no início do livro ele menciona a pintura “Os provadores de vinagre” que contém uma alegoria sobre três formas de se ver a vida. Nela três homens estão reunidos em volta de uma talha de vinagre, onde mergulham os dedos e provam de seu conteúdo. No entanto, suas reações são bem diferentes.

O primeiro tem uma expressão azeda, o segundo, amarga. E o terceiro, sorri com uma expressão doce.

A pintura é uma alegoria e as figuras representam os “Três Ensinamentos” da China e o vinagre simboliza a “Essência da Vida”.

### Confúcio

*“Na visão de Confúcio, a vida tinha algo de azeda. Acreditava ele que o presente estava em descompasso com o passado e a lei dos homens em desarmonia com o Tao do Céu, a lei universal.*

*Logo, dava grande importância à atitude reverente frente aos ancestrais ao cerimonial e aos rituais antigos nos quais o imperador, o Filho do Céu, atuava como mediador entre o infinito do Céu e a limitação da Terra.*

*Sob o confucionismo, a música da corte era metricamente precisa, os passos pré-estabelecidos, o comportamento, a linguagem, tudo, girava em torno de um sistema de pre-*



*ceitos extremamente complexo, onde cada rito tinha um propósito e um momento exato, pré-determinado.*

*Confúcio dizia: 'Se a esteira não está devidamente estendida, o mestre não senta'. Isso dá uma ideia de até onde estas coisas eram levadas sob o confucionismo."*

*(HOFF, 1995, p. 3)*

### **Buda**

*"Para Buda, a segunda figura da pintura, a vida na terra era amarga, cheia de apegos e desejos, fontes de sofrimento. O mundo era visto como um criador de armadilhas, um gerador de ilusões, uma roda cujo giro produzia dor para todas as criaturas.*

*Para encontrar a paz, o Budismo acha necessário transcender 'este mundo de pó' e alcançar o Nirvana, literalmente um estado 'sem vento'. Apesar da atitude intrinsecamente otimista dos chineses ter alterado bastante o Budismo após sua chegada da Índia, onde surgiu, mesmo assim seus seguidores tendiam a ver o caminho para o Nirvana obstruído pelo amargo vento da existência humana"*

*(HOFF, 1995, p. 4)*

### **Lao-tsé**

*"Ao contrário, para Lao-tsé, a harmonia era inerente à relação entre Céu e Terra e podia ser encontrada em qualquer pessoa, qualquer momento, mas não através dos preceitos confucionistas. Como declarou no Tao Te King, o Livro do Caminho Perfeito, a Terra era, em essência, o reflexo do Céu, regida pelas leis celestes, que não são a dos homens. As leis cósmicas afetam desde o movimento dos pássaros na floresta e dos peixes no mar. Segundo Lao-tsé quanto mais o homem interfere no equilíbrio natural produzido e regido pela lei universal, mais a harmonia se retira, se distancia. Mais intervenção, mais complicação..."*

*Seja pesado ou leve, molhado ou seco, rápido ou lento, tudo tem sua própria natureza que não deve ser violada, sob perigo de causar transtornos. Quando regras arbitrárias e abstratas são impostas de fora para dentro, o confronto é inevitável. E, então... a vida se torna azeda.*

*Na visão de Lao-tsé, o mundo não é criador de armadilhas, mas um mestre que nos transmite ensinamentos valiosos. Suas lições precisam ser aprendidas, suas leis naturais respeitadas. Se assim for... tudo irá bem. Ao invés de aconselhar-nos o distanciamento do "mundo de pó", Lao-tsé nos diz para nos "mesclarmos ao pó". À força atuante por detrás do Céu e da Terra, chamou de Tao, "O caminho". O princípio básico de seu ensinamento era que esta "Via do Céu", este mistério, não podia ser descrito por palavras. Tentar fazê-lo era um insulto ao seu poder ilimitado e à inteligência humana. No entanto, sua natureza podia ser apreendida, principalmente por aqueles que amavam o Tao e a vida que lhe é inseparável.*

*Através dos séculos, os ensinamentos clássicos de Lao-tsé se expandiram nas formas filosófica, monástica e popular, sendo correto incluí-los sob o título geral de taoísmo. No entanto, o aspecto do taoísmo que aqui nos interessa, diz respeito a um certo modo de perceber, aprender e lidar com tudo o que ocorre na vida cotidiana. O taoísta percebe esse “estar na vida” como felicidade. Pode-se dizer que a alegre serenidade é a característica mais marcante da personalidade taoísta, onde um sutil senso de humor está presente até mesmo em obras tão profundas como é o Tao Te King.*

*Por exemplo, os escritos de Chuang-tsé, o segundo maior filósofo taoísta, são permeados por um riso tranquilo que parece borbulhar como a água de uma fonte cristalina.*

“O que tudo isso tem a ver com o vinagre?” perguntou Pooh

“Mas – eu não expliquei?” disse-lhe.

“Acho que não”, replicou.

“Bem, então explicou agora.”

“Tá”, respondeu.

*Por que Lao-tsé está sorrindo? O vinagre, que representa a vida, tem um gosto ruim, como indicam as expressões estampadas nos rostos dos outros dois. O que acontece é que, através da sua harmonização com a vida, o Taoísta chega a uma compreensão que muda para o positivo o que os outros veem como negativo. Do ponto de vista taoísta, o azedo e o amargo nascem de uma mente não perceptiva e dominadora. A vida em si, quando compreendida e aceita como é... é doce! Eis aí a mensagem dos Provadores de Vinagre.”*

(HOFF, 1995, p. 5-7)

É muito interessante ler sobre esses três ensinamentos. Não que um diminua o outro, mas apenas apontem formas diferentes de se ver a vida. Poderíamos pensar que Confúcio nos leva à infância e a juventude da existência. Nosso modo de querer compreender como tudo funciona, o modo “certo”, e que quando não está como queremos, nos irritamos e nos tornamos azedos.

O budismo nos traz a quebra da ilusão desse mundo e a aceitação do sofrimento como um companheiro de jornada. É a fase da juventude à maturidade adulta onde devemos quebrar as ilusões de controle e desenvolver resiliência, paciência, persistência e foco no que seja essencial. Porém focando nessa aceitação a vida pode se tornar amarga.

O taoísmo pode ser o símbolo marcante da maturidade. Daquele que avança décadas à frente e revela quem trilhou o caminho do crescimento existencial. O significado de Lao-tsé pode ser tanto “velho mestre” quanto “criança velha”. É a conquista de conseguir

olhar a vida, a existência com os olhos de quem viveu muito, mas tem neste olhar a leveza que serenamente ri de tudo o que observa - um olhar puro e cristalino de uma criança. Dessa forma a vida pode ser doce.

Há uma outra explicação muito interessante no livro que é a do Bloco Intocado. Justamente a simplicidade daquele que é “rústico” e em sua singeleza consegue ter uma visão de mundo muito mais simples e leve.

Isso também me traz à lembrança uma passagem do livro: “O mundo de Sofia”

*“Vamos resumir: um coelho branco é tirado de dentro de uma cartola. E porque se trata de um coelho muito grande, este truque leva bilhões de anos para acontecer. Todas as crianças nascem bem na ponta dos finos pelos do coelho. Por isso elas conseguem se encantar com a impossibilidade do número de mágica a que assistem. Mas conforme vão envelhecendo, elas vão se arrastando cada vez mais para o interior da pelagem do coelho. E ficam por lá. Lá embaixo é tão confortável que elas não ousam mais subir até a ponta dos finos pêlos, lá em cima. Só os filósofos têm ousadia para se lançar nesta jornada rumo aos limites da linguagem e da existência. Alguns deles não chegam a concluí-la, mas outros se agarram com força aos pêlos do coelho e berram para as pessoas que estão lá embaixo, no conforto da pelagem, enchendo a barriga de comida e bebida:*

*– Senhoras e senhores – gritam eles –, estamos flutuando no espaço!*

*Mas nenhuma das pessoas lá de baixo se interessa pela gritaria dos filósofos.*

*– Deus do céu! Que caras mais barulhentos! – elas dizem.*

*E continuam a conversar: será que você poderia me passar a manteiga? Qual a cotação das ações hoje? Qual o preço do tomate? Você ouviu dizer que a Lady Di está grávida de novo?*

*(Jostein Gaarder)*

Em que momento deixamos de ser blocos simples e intocados para nos lapidar tanto a ponto de perdermos nossa essência da simplicidade da matéria prima que nos forma?

Quando deixamos de nos surpreender com as coisas do mundo, enxergando nosso entorno com os olhos curiosos de uma criança?

Quais acontecimentos marcaram páginas de nossa jornada e encheram “nosso livro” de anotações e explicações, deixando para trás aqueles simples rabiscos e desenhos que fazíamos quando tentávamos desenhar a vida da maneira simples com que a víamos?

Talvez deixar para trás coisas desnecessárias já seja um bom começo. Começar a olhar em volta e reparar no mundo, mas sem estar imerso e preso em suas armadilhas.

Jogar o jogo da vida. Não jogar contra, não tentar ir na direção oposta, ou se agarrar a algo tentando ir contra o fluxo. Mas existir dentro da Vida.

Sentir o grande Tao. Sentir que é uma força que nos permeia. Ver que a vida é simples, e que é na simplicidade que podemos encontrar a paz.

Provar o vinagre e decidir como vamos reagir a ele.

Disse o mestre zen: “O dedo serve para apontar a lua. O sábio olha a lua. O ignorante olha o dedo.” O que estamos observando? E o que estamos fazendo com isso? Simplesmente apreciamos ou tentamos forçar explicações ou formas que muitas vezes podem ir contra o fluxo natural?

Talvez esse seja o que poderíamos chamar de “a tal da simplicidade”, ou seria o “Tao” da simplicidade...? Entretanto, tentar explicar e nomear nos faça justamente fugir do próprio conceito do simples, afinal...

“O tao que pode ser descrito não é o eterno Tao”, Lao-tsé

***Amor é a lei, amor sob vontade.***

Soror Meraki

#### Referências Bibliográficas

FISCHER, Wu Wei, a Arte de Viver o Tao

HOFF, B. O Tao do Pooh. São Paulo: Triom, 1995.

LAO-TSE. Tao-te King, texto e comentário de Richard Wilhelm. Editora Pensamento.

GAARDER, JOSTEIN. O mundo de Sofia. São Paulo: Companhia das Letras, 2014

# O AEON DA MUDANÇA

## Um breve ensaio thelêmico sobre nosso atual momento

“Faze o que tu queres há de ser o todo da Lei”.

Cara leitora ou leitor,

Começo dizendo que sim, sinto muito, mas essa é mais uma dessas reflexões a respeito da sociedade (com um punhado de “thelêmices”) a qual estamos inseridas, mesmo que muito provavelmente você já esteja no limite da exaustão depois de um ano tão difícil que a cada dia parece se reinventar num novo jeito de piorar (parece o probacionato, inclusive); acredito que justamente por isso é preciso que pensemos a respeito dos acontecimentos e das atitudes que tomamos para lidar com tudo isso, até porque se “Magick é a Ciência e a Arte de causar Mudanças de acordo com a Vontade”, isso não se restringe apenas ao Ritual de Enochiano que você faz quando seu vizinho viaja, mas a cada palavra falada com e sob Vontade.

De uns tempos pra cá, acompanhamos todo um movimento extremista e autoritário, não só aqui no Brasil e não apenas em determinado assunto. Das questões de gênero à liberdade religiosa, vimos uma massa absurda de pessoas impondo o seu conceito de certo e começando uma nova caça-às-bruxas a quem quer que discordasse e fosse diferente disso. O Aeon passado, de Osíris (ou o Deus ressuscitado), vivia justamente sob esse arquétipo de rigidez; até porque se a certeza é que a morte e a escuridão vão vir ao fim do dia, “temos que fazer algum esforço para manter alguma coisa”. Hoje, no Aeon de Hórus, sabemos que não precisamos fazer esse esforço : a luz e a escuridão se transmutam, mas existe algo que é mantido. Não é preciso ter medo.

O medo sempre acompanha a intolerância. Aos poucos e a medida que colocamos os dois pés no Novo Aeon, nos damos conta disso; às vezes, por exemplo, o medo da morte (que eu prefiro chamar de dissolução) é tão grande, que as pessoas não conseguem enxergar situações escancaradas e violentas, como num caso de um estupro de uma criança, para entenderem o óbvio de que o sofrimento de um bebê que se desenvolveria sem espaço e sem condições da existência de uma mãe que lhe seja nutriz é extremamente cruel e doloroso (isso sem considerar a crueldade e a dor da criança violentada), enquanto que não existe dor na inexistência.

Ainda assim, é fácil olharmos para o que não está no nosso círculo e apontarmos incoerências, difícil é estendermos isso às nossas próprias crenças ou àquilo que é do nosso

gosto. É fácil apontar fala machista de um homem que nós não gostamos, mas é extremamente difícil perceber a fetichização e romantização da agressão contra a mulher que o BDSM muitas vezes promove. É justamente esse exercício de não só agir de forma inquisitorial para o externo, mas passar a realizar uma auto análise sincera que nos faz caminhar no nosso próprio processo dentro do novo Aeon; é nos lembrarmos mais vezes de que “Todo homem e toda mulher é uma estrela” (AL I:03), mesmo que aquela outra estrela esteja realizando uma órbita errante em determinado (ou a todo) momento.

Isso não quer dizer que devemos nos portar com um falso senso de paz asceta e ir numa comitiva para lavar os pés do presidente. Se trata simplesmente de observar o equilíbrio que buscamos tão incessantemente quando lemos e praticamos yoga, para aplicá-lo não somente àquele determinado momento do dia que dedicamos para nossas práticas diárias, mas também ao momento de descontração na internet em que vemos algum comentário que nos desagrada e passamos uma hora escrevendo um enorme texto para “cancelar” alguém. O tal “cancelamento” tem uma dimensão tão grande que, enquanto um lado da política brasileira está absorta num delírio maniqueísta autoritário, o outro se organiza mais para cancelar ou se autopromover em pautas emergentes do que para se movimentar coletivamente em prol da sociedade. “Cuidai para que nenhum force ao outro, Rei contra Rei!” (AL II:24).

Não, eu não esqueci sobre “pisar no homem baixo, na ânsia feroz do orgulho, no dia de vossa ira”. Mas se formos pisar em cada um que unicamente nos desagrada, poderemos cometer o erro de estarmos forçando “Rei contra Rei” e o “pisar” não seja mais do que uma armadilha do nosso próprio ego. Uma mudança, para que seja significativa, não depende de uma única pessoa, mas sim de um coletivo : pisar, no dia de nossa ira no que é baixo, é abolir todos aqueles conceitos que nos aprisionam, nos submetem e nos privam de agir de acordo com nossa Vontade.

Diz o Equinócio dos Deuses que depois do Aeon de Hórus entraremos no Aeon de Maat - ou o “Aeon da Verdade”; e qual a maior verdade senão aquela de que não há verdade? Quando em um nível macro nos dermos conta disso, viveremos numa nova era : um mundo de Luz, Vida, Amor e Liberdade, para todas e todos.

“Amor é a Lei, Amor sob Vontade”.

### **Soror S.IV.A**

Referências :

CROWLEY, Aleister; DESTI, Mary; WADDELL, Leila; **Liber ABA : Magick in Theory and Practice**

\_\_\_\_\_ **Liber ABA : THELEMA—the Law**  
AIWASS; **Liber AL Vel Legis**. Cairo : 1904.



# O AEON DA CRIANÇA COROADA E DA MULHER EMPODERADA

Eis o Equinócio de Primavera anunciando boas novas.

Nesse artigo irei aproveitar o contexto oferecido pelo Equinócio de Primavera para abordar alguns traços marcantes que se estabeleceram na cultura Thelêmica, que são dignos de extrema atenção. Para isso, tive a ousadia de usar como ferramenta alguns Atus do Tarot de Thoth relacionados ao Equinócio Vernal, para confrontar os arquétipos dos personagens com a nossa realidade, de modo a ilustrar como a filosofia de Thelema tem se configurado nos dias de hoje.

Equinócio, do latim *aequus* (igual) + *nox* (noite) = (noites iguais) é um fenômeno cuja incidência solar, nos hemisférios Norte e Sul, é a mesma, fazendo com que a duração do dia e da noite seja igual. Esse fenômeno ocorre duas vezes ao ano, nos dias 21 de março, e 23 de setembro, Equinócios de Outono e Primavera, respectivamente, no hemisfério sul.

Primavera vem do latim *primus* (início, primeiro) + *vere* (estação) = (primeira estação); ou mesmo no inglês arcaico *spring* vem de *springan* (espalhar, crescer, o início, nascimento, ascensão ou origem). No inglês “médio” também foi usado para o nascer do sol, o aumento da lua, as marés crescentes, etc; ou seja, em ambas as etimologias indica o início de um novo ciclo solar.

Na Fé Antiga, a festividade mais significativa era o Equinócio de Primavera. Era nessa data que se comemorava o início do Novo Ano Solar: o Sol apontava com vigor no horizonte, trazendo a esperança de dias melhores, deixando para trás o período de falência de luz, que aterrorizava a todos e prejudicava a agricultura. Até os dias de hoje essa data é festejada pelas religiões pagãs durante a roda do ano, que é disposta em oito datas baseadas nos solstícios, nos equinócios e em datas intermediárias aos mesmos.

A Deusa Eostre, também conhecida como Ostara, que é a Deusa da fertilidade, do amor e do renascimento para os povos celta, anglo-saxões, nórdicos e germânicos, é a mais cultuada nesse período através de um ritual solar de fertilidade que visa comemorar o redespertar da vida na terra. No rito, o Deus e a Deusa são representados em fase de puberdade, cheios de energia, disposição e vida. Seguindo a proposta natural de equilíbrio do dia e da noite, essa data é vista como um momento de perfeita harmonia entre as polaridades, feminina e masculina, adequada para fortalecer a união alquímica dos opostos em equidade, a fim de semear vida nova, esperança, alegria, beleza e prosperidade.

Após relatar um pouco o que está por detrás desta data tão especial que é o Equinócio

de Primavera, vamos ao que interessa.

Vos apresento os personagens do Tarot que irei abordar: o Louco, a Imperatriz, o Imperador e a “Arlequina”.

Começarei com o morador do Atu 0, o Louco.

Dentro do conceito, o Louco representa a Primavera e o renascer em um caminho espiritual.

O Louco surge na figura de um Deus Cornudo com trajes verdes nos moldes de um Arlequim, usando uma bota dourada: um misto do Deus Baco com o Homem Verde celta, com ousadia de um bobo da corte, que nunca é levado a sério ao mostrar que a realidade é insana.

Na figura do Homem Verde, revela a energia misteriosa que gera uma nova vida na Primavera. Como Baco, não hesita em mergulhar no êxtase da alegria e da bonança. Como o bobo da corte, ele salta para o mundo, destemido do que irá encontrar em sua jornada. Suas botas douradas refletem a luz do sol, a luz criativa, Tiphareth.

Como um andrógino, ele possui o feminino e o masculino em si, e ao mesmo tempo nenhum deles, pois ele não é limitado pelo gênero.

Em meio a um misto de simbologias e dualidades, o Louco possui todas as ferramentas que precisa para atingir a plenitude. Ele tem o poder de incorporá-las e tornar-se Um com elas, o Um que resulta do Dois e se torna Nenhum: ele contém a equação do universo, o equilíbrio inicial e final dos opostos. A letra mãe Aleph o representa, e o seu elemento é o Ar.

O Louco é aquele que nos cede aspiração para prosseguir em nossa jornada espiritual, o princípio e o fim pertencem a ele.

Nossa próxima personagem é a Imperatriz, senhora do Atu III.

*“Binah, o princípio feminino Universal recebe a força masculina da vida da Sephiroth masculina Chokmah. Ela nutre essa força em seu útero e a entrega transformada no Universo, enquanto percorre o caminho da Árvore da Vida.” (Tradução livre – site Esoteric Meanings – Thoth Empress Tarot Card)*

A Imperatriz é a plena representação da feminilidade. Quando olhamos para ela, nos perdemos em sua beleza e em sua delicadeza. Ela consegue se portar como uma mulher forte preservando sua doçura em lidar com a vida e com o próprio Imperador. Ela é a Afrodite do Imperador, seu desejo apaixonado, e por horas, inalcançável. Ela é a Ísis que

carrega em seus braços o pequeno Hórus, se regozijando a cada vez que o alimenta.

Ela aparece sentada em seu trono cujas colunas se entrelaçam e se emendam gerando um portal ao fundo, onde predomina a cor azul, refletindo a grande influencia do elemento água. Sua roupa possui as cores de Vênus, rosa e verde, e na sua blusa há estampadas de abelhas e rosas, assim como na veste de seu amado Imperador, demonstrando a conexão entre ambos.

Ela carrega em si as fórmulas dos Aeons e as transforma em uma. Ela se assemelha a Deusa Mãe do Aeon Isíaco ao atrair uma devoção exacerbada pelos seus mistérios da criação. Em tempos Osirianos, ela é a Rainha (HE), mãe da Princesa (He final) raptada pelo Príncipe (Vau), a serviços do Rei (Yod), declarando a continuidade da vida; ou, a Ísis que faz a seu amado Osíris vencer a morte. No Aeon de Hórus, ela é o Sal alquímico, a parte passiva da Natureza (útero) que ao ser estimulado pelo Enxofre tem o poder de manter o equilíbrio do Universo. Ela é a eterna mãe dos filhos do Imperador, e sua prole são os filhos gerados a serviço da Grande Obra.

*“A necessidade de reconhecer que a porta de entrada para o espírito é o Amor, e é o canal para o SAG. O caminho espiritual não é aquele da mente que opera por separação e comparação, mas a do coração.” (Tradução livre – site Esoteric Meanings – Thoth Empress Tarot Card)*

Continuamos com o nosso ilustre Imperador reinando no Atu IV.

O Imperador se apresenta como um homem altivo, digno de autoridade e liderança. Ele possui Áries como signo, que é regido por Marte, e é onde o Sol é exaltado. É um signo de natureza masculina, que simboliza a vida, energia, independência, coragem, qualidades inerentes à primavera.

*“...A precessão dos equinócios fez a primavera começar com a entrada do Sol em Áries (O Carneiro) em lugar de Pisces (Peixes), como foi o caso nas épocas mais primitivas.” (Livro de Thoth pg. 58.)*

Demonstra ser um homem tradicionalista, respeitador da moral e dos bons costumes. Possui uma personalidade marcante próprio da sua natureza marciana o que não o deixa transparecer suas emoções, e nem seus sentimentos pela sua consorte Imperatriz. Apesar de recusar a demonstrar, ele se sente pequeno perto dela, precisando de sua aprovação para manter-se confiante e seguro de seus atos. Sentir-se seguro é imprescindível para que mantenha seu equilíbrio e autocontrole.

A posição de suas pernas e seus braços indicam limitações e inflexibilidade quanto as suas decisões, próprias do número quatro.

Como um verdadeiro arquétipo da virilidade, e uma representação consistente da energia fálica ou masculina, o Imperador é aquele que equilibra suas emoções e desejos, redirecionando sua energia sexual para manipular o que deseja. Isso diz muito sobre sua capacidade de governar.

Assim como sua amada, ele traz consigo as fórmulas dos Aeons de Osíris e de Hórus. Da Era Osírica, ele provém da ideia do sacrifício para alcançar um “bem maior” que pode acontecer a nível físico e espiritual. Por outro lado, ele consegue unir as fórmulas dos Aeons, ao adquirir o conhecimento que transcende o sacrifício através da União Alquímica. Ele é o Enxofre, a parte ativa da natureza que estimula o Sal para manter o equilíbrio do Universo.

Para finalizar, eis nossa Arlequina. Tomei a liberdade de chamar assim essa moça com semblante sério que habita o Atu VIII.

Ela surge numa figura feminina misteriosa, em pose que denota firmeza e atitude. Ao contrário de seu consorte, o Louco, ela traz consigo a consciência de sua grandeza. Ela aprendeu a ponderar seus atos, ao entender a necessidade de ajustar seu universo às mudanças. Ela sabe que manter o equilíbrio é um processo ativo e não passivo, não sendo algo que vem de fora, mas que precisa fazer acontecer. Para ela, seguir a Verdadeira Vontade é como se alinhar ao seu próprio universo.

Ela codifica o universo imanifesto do Louco, ordenando seu caos, e incorporando em si as infinitas possibilidades em equilíbrio, com isso ela desenvolve um autoconhecimento que lhe propicia a fazer escolhas com sabedoria e propósito.

Ela carrega dentro de si, o equilíbrio natural de seu Sol em Libra, junto à sutileza de Vênus e a força disciplinadora de Saturno. Ela porta uma espada, que indica força de desconstrução, vinda da influência direta da energia marciana de Geburah.

Ela segura a espada com ambas as mãos, a mantendo entre suas coxas, como uma alusão ao ato sexual e também a Vontade, e reflete no axioma “Amor é a Lei, Amor sob Vontade”.

A Arlequina pode ser relacionada ao He final do Tetragrammaton, a consciência inferior. Seria ela, a própria Princesa de Espadas?

*“Essa carta segue um processo de elevação da nossa consciência, de modo que expressamos nosso Eu superior por meio do ajuste e seguindo nossa Verdadeira Vontade que do Eu inferior (a princesa) morre para se tornar rainha.” (Tradução livre – site Esoteric Meanings – Thoth Adjustment Tarot Card)*

Ela traz consigo a letra hebraica lamed, que significa “agulhão para controlar boi”.

Junto ao seu consorte, o Louco, ambos formam a fórmula AL, que significa totalidade que advém da dualidade, o “AL” do Liber AL Vel Legis.

Com a apresentação dos personagens finalizada pode-se observar personalidades bem diferentes que compartilham de um ponto em comum dentro do contexto desse ensaio: carregam consigo uma conexão com o Equinócio de Primavera.

Do pioneirismo do Louco na jornada do Tarot, surge a expressão da pureza, da alegria, da coragem, do desapego, de um desregramento natural da puberdade. Da nossa querida Imperatriz, surgem a beleza, a fertilidade, e a certeza do desabrochar da vida. Por parte do altivo Imperador, sua relação ao signo de Áries, ou do Carneiro, manifesta o momento que Sol começa a emergir e ganhar vitalidade ao recomençar seu ciclo astrológico, ao anunciar a primavera no hemisfério norte; e da nossa Arlequina, quando o Sol entra em Libra, seu signo, sob a regência de Vênus, anuncia-se a primavera no hemisfério sul.

Pelas suas qualidades e atribuições iniciáticas, formam-se dois casais, e em ambos casos, um dos consortes pertence a uma oitava diferente. Nesse caso vemos em um plano mais espiritualizado o Louco e a Imperatriz, e num plano de consciência mais acessível (abaixo do abismo) estão o Imperador e a Alerquina. Da pra ser notado nas descrições, que tanto o Louco quanto a Imperatriz, por sua pureza e perfeição, são criaturas inalcançáveis, com tudo, com arquétipos muito desejados. Todos nós possuímos um pouco, ou muito, dos traços de cada um dos personagens, e a minha crítica ao sistema sobrevivente dos tempos do Profeta parte desse contexto.

Vivemos numa sociedade que por mais avançada que esteja em tecnologia, ainda insiste em sobreviver sob o modelo sociocultural que se arrasta durante séculos e séculos. Teoricamente somos “modernos” perante nossa liberdade de expressão e na maneira de nos posicionarmos socialmente. Hoje somos livres para escolher o molde familiar que mais se adapte a nossa questão de gênero, orientação sexual, ou simplesmente sair do padrão da família “bem estruturada”. Mas, porém, contudo, a mentalidade preponderante patriarcalista prevalece com muita resistência.

Vocês devem estar se perguntando o que os nossos ilustres personagens têm a ver com essa questão. A resposta é: Tudo.

Quem é a Imperatriz? Quem é o Imperador?

São nada menos do que arquétipos de como o feminino e o masculino se comportam no inconsciente coletivo. Ainda mora em nosso inconsciente, mesmo sem nos atermos a isso, a ideia de um feminino que sirva aos encantos do Imperador. A mulher perfeita, bela, atraente, que está sempre disposta a satisfazer seus desejos mais ardentes. A mulher submissa, sem voz ativa, que precisa ser contida quando se destaca.

E infelizmente, Thelema foi estruturada nesse conceito.

Quando eu digo Thelema, nem falo da filosofia em si, porque ela é praticamente perfeita. Em todas as obras deixadas por Crowley e seus respectivos, contém de maneira bem lúcida um conteúdo que trata perfeitamente das polaridades. O problema é que a Lei foi recebida por um homem, que apesar de ter uma inteligência acima dos padrões, era dotado dos preconceitos inerentes à época.

Quando Crowley recebeu o Liber AL e começou a preparar todo seu legado Magicko, ainda se encontrava no início do século XX, e a mulher naquela época era reduzida a quase nada. Logo, era de se esperar que quase todo o seu conteúdo bibliográfico, e em especial as instruções práticas fossem feitos direcionados aos homens, afinal, o papel mágico da mulher era coadjuvante, muitas vezes servindo apenas de receptáculo, altar humano, e objeto de submissão e poder. Vide as Mulheres Escarlates de Master Therion, que quando deixavam de ser atraentes, ou não atendiam mais suas expectativas, eram deixadas de lado em condições mentais e espirituais deploráveis. Não estou levando em consideração o caráter e nem a orientação sexual do Profeta, porque mesmo que ela esteja subentendida em seus textos e no próprio Tarot de Thoth, isso não justifica quaisquer de seus atos.

Deu para perceber o arquétipo da Imperatriz e do Imperador só por aí?

Tristemente ainda se vê muito do Imperador no homem thelemita, que muitas vezes se apresenta super intelectualizado, cheio de ideias desconstrutivas, mas que não hesita em subestimar o valor da mulher dentro Sistema. Já se perguntaram: quantas mulheres chegaram ao neofitado? Incapacidade intelectual, dificuldade de alcançar a mudança de paradigma? Ou será a decepção de não encontrarem uma Imperatriz?

Assunto delicado, não? Mas que precisa ser repensado para que os fetiches relacionados a assuntos de diversas naturezas, principalmente a de cunho sexista, possam dar lugar a um papel feminino que seja ativo, consciente e digno de respeito.

Por isso que adquiri uma grande simpatia pela Arlequina. Ela retrata a mulher empoderada do século XXI, independente, autoconsciente e que sabe equilibrar o racional com o emocional. Ela reconhece em si as polaridades, feminina e masculina, e não se intimida disso. Não hesita em direcionar essa força em prol de conquistar seu espaço, em qualquer lugar que seja. Ela sabe seu valor e possui determinação em evidenciar isso.

É essa mulher que hoje busca por Thelema, que já conseguiu se desvencilhar de muitos dos padrões socioculturais que lhe foram impostos. Ela tem consciência do valor de sua ancestralidade feminina, e tira proveito de sua sábia natureza para resgatar sua autoestima e mostrar sua competência. Ela é a Deusa encarnada de várias faces, que une todas as atribuições dos deuses em si.

Mas e o Louco?

Ah o Louco! Sua insanidade por um momento seria um sopro libertador. Nosso efêmero representante da Primavera, sim, deveria ser o grande fetiche de homens e mulheres, o alvo, o objetivo a ser ostentado. Sua loucura nos faz falta.

Não falo da insanidade do Louco dos Tarots tradicionais, da figura imatura, irresponsável e descompromissada, mas sim da pureza do Louco do Tarot de Thoth, com sua sabedoria, e indiferença a padrões e a tudo que limita. A aspiração do Louco deveria estar sempre conosco, para que não nos esqueçamos, que nossa consciência espiritual precisa acompanhar as mudanças, senão, não há evolução.

O Equinócio de Primavera chega em boa hora. Entre festas e etimologias, seu simbolismo está diretamente ligado à urgência de uma conscientização por parte de todos os aspirantes à Thelema, da necessidade de reconhecer que homens e mulheres possuem mesmo valor e podem exercer a mesma função no Sistema Thelêmico. Que a proposta do Aeon de Hórus seja reproduzida por completo.

Há momentos que a magia precisa se ater tanto a ciência quanto a realidade. Estamos em 2020, e a visão masculina original de Thelema, junto à consciência do século passado, não pode mais ser projetada atualmente na configuração da filosofia. E isso aborda tanto a forma de como a instrução é passada de instrutor a instruído, quanto à interpretação e compreensão dos Libri. É preciso tomar consciência de que em todos os rituais trabalhamos as energias em equilíbrio, e que se houver ênfase de alguma polaridade, não haverá Unidade. Há muitas fórmulas subentendidas em todo conteúdo thelêmico, e precisamos estar dispostos a expandir nossa consciência para decifrá-las.

Termino o texto com um trecho do livro, Jung e o Tarô, onde Sallie Nichols diz: *“E que homem não tem, emboscado em suas profundezas, um poderoso aspecto feminino, ora criativo, ora vingativo; movido à compaixão num momento e preso de ciúme furioso no momento seguinte? Estudando essas figuras talvez possamos chegar a uma compreensão mais profunda de nossos próprios poderes e potenciais – de nossa própria infinita variedade”.*

### **Referência Bibliográfica:**

CROWLEY, Aleister. O Livro de Thoth: Um curto ensaio sobre tarô dos egípcios.

CROWLEY, Aleister. Equinócio dos Deuses. Tradução Marcelo Ramos Motta, 1976.

NICHOLS, Sallie. Jung e o Tarô: Uma jornada arquetípica. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 2007.

LAURENCE, Theodor. O significado sexual do tarô. Tradução de Rui Siqueira. Rio de Janeiro: Livros do Mundo Inteiro.

JONES, Evan John; VALIENTE, Doreen. Feitiçaria: A tradição renovada. Tradução Angela do Nascimento Machado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

GARDNER, Gerald. A Bruxaria Hoje. Tradução Julia Vidili. São Paulo; Editora Madras, 2003.

### **Sites Consultados:**

Origem da Palavra. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/palavras/prima-vera>> Acesso em: 3 de setembro 2020.

Etimologia: Origem do Conceito, 2019. Disponível em: < <http://etimologia.com.br/equinocio/>> Acesso em 3 de setembro 2020.

HARPER, Douglas. Online Etymology Dictionary, 2001-2020. Disponível em: <[www.etymonline.com/word/spring](http://www.etymonline.com/word/spring)> Acesso em: 3 de setembro 2020.

... Disponível em: <[www.etymonline.com/word/equinox](http://www.etymonline.com/word/equinox)> Acesso em: 3 de setembro 2020.

Esoteric Meanings. Disponível em: <<http://www.esotericmeanings.com/>> Acesso de 10 a 13 de setembro 2020.

... Thoth Fool Tarot Card Tutorial. Disponível em: <<http://www.esotericmeanings.com/thoth-fool-tarot-card-tutorial/>>

... Thoth Empress Tarot Card Tutorial. Disponível em: <<http://www.esotericmeanings.com/thoth-empress-tarot-card-tutorial/>>

...Thoth Emperor Tarot Card Tutorial. Disponível em: <<http://www.esotericmeanings.com/thoth-emperor-tarot-card-tutorial/>>

... Thoth Adjustment Tarot Card Tutorial. Disponível em: <<http://www.esotericmeanings.com/thoth-adjustment-tarot-card-tutorial/>>

### **Soror Ignis**

ignis@revista777.com

# ALEISTER CROWLEY NO CINEMA II: Chemical Wedding

Este texto é a segunda parte do ensaio publicado na Revista 777, ano II, volume 11, cujo objetivo é avaliar a recepção da obra de Aleister Crowley no cinema de ficção comercial. Enquanto a primeira parte apresentou uma filmografia panorâmica, esta segunda parte tem como foco o filme *Chemical Wedding* (2008).

O filme é muito ruim, eu poderia afirmar numa avaliação rápida e rasteira. A maioria dos leitores da 777 concordará com tal juízo. Por que dedicar o nosso tempo de escrita e leitura a um filme ruim? Porque trata-se de um filme marcante, que nos convida a pensar a pergunta-chave que tem orientado as nossas reflexões sobre as tensas e ambíguas relações entre a escritura thelêmica e o cinema: considerando que a indústria cinematográfica fortalece o princípio básico da reprodução ideológica do sistema, qual é o sentido do discurso de Crowley em filmes de entretenimento que reproduzem o fetichismo da mercadoria cultural? Como vimos na primeira parte do artigo, a questão envolve um desajuste entre a vontade de autonomia e a liberdade irrestrita com o desejo de lucrar com a venda de uma mercadoria para uma coletividade massificada.

O filme britânico de terror e ficção científica *Chemical Wedding* foi dirigido por Julian Doyle, membro do grupo Monty Python, e roteirizado pelo diretor em coautoria com Bruce Dickinson, vocalista do Iron Maiden, que também assina a trilha sonora. Com 106 minutos de duração, o filme estreou no Sci-Fi-London Film Festival em 04 de maio de 2008. No mesmo mês, foi publicado um livro homônimo dos roteiristas, com o irônico subtítulo “the first science fiction novel” (primeiro romance de ficção científica). Dez anos antes, Dickinson lançou um disco solo com título quase idêntico: *The Chemical Wedding* (1998).

O filme, o livro e o disco, que não receberam títulos em língua portuguesa, fazem referência ao terceiro manifesto da Ordem Rosacruz, *As Bodas Alquímicas* de Christian Rosenkreutz, de 1616. A obra, citada nos créditos finais do filme, mescla misticismo gnóstico com referências alquímicas que incitam uma nova revolução espiritual da humanidade, para narrar a mítica e arquetípica jornada do herói do monge alemão Christian Rosenkreutz (1378-1484), fundador mítico da Ordem Rosa-Cruz, que desde muito jovem teria viajado por grande parte do Oriente em busca de sabedoria e conhecimento.

O livro *The Chemical Wedding of Christian Rosenkreutz* apresenta uma descrição simbólica do processo de Iniciação: numa jornada de sete dias, o protagonista vivencia diversas cerimônias e provas, consagrando-se Cavaleiro da Pedra Dourada. A alegoria das bodas alquímicas, quase sempre representada pela união de uma figura masculina com

outra feminina, apresenta sentidos diversos, por isso, a busca por um sentido último é vã. De acordo com as principais interpretações, a alegoria pode ser compreendida como o casamento interior do indivíduo entre alma e espírito (RODRIGUES, 2017, p. 121-122) ou como uma representação da união da alma com Cristo (TILTON, 2015, p. 137).

No filme *Chemical Wedding*, os créditos iniciais mostram rapidamente várias imagens de jornais antigos com notícias reais ou ficcionais baseadas em fatos, com destaque para as seguintes: “Jack Parsons inventa combustível de foguete que colocará americanos na lua” (48s); “Serviço de segurança britânico prende o Sr. Crowley como simpatizante do nazismo. ‘Eu era um agente duplo’, afirmou Crowley” (50-51s); “Camisas negras de Mussolini banem mago inglês da Sicília; acusações de sórdidas cerimônias e magia negra” (53-56s); “Crowley afirma ter triunfado na escalada do K2. Mortes de outros alpinistas envolvidas por mistério” (58-59s); “‘Eu sacrifiquei bebês!’ Afirma Crowley na corte” (1m05s); “Crowley nega sodomia” (1m09s); “Aleister Crowley – o homem mais perverso do mundo” (1m21s).

A sequência com os créditos iniciais do longa-metragem, que serve como epítome da biografia de Aleister Crowley, ao oferecer uma interpretação e classificação prévia do escritor, induz o público a confirmar o estereótipo de personagem polêmico e vilão arquetípico. Desse modo, como diriam Theodor Adorno e Max Horkheimer, o filme fornece clichês prontos para serem empregados arbitrariamente, pré-definidos pela finalidade que lhes cabe no esquematismo da produção, determinando o modo como os espectadores devem perceber a história contada.

A história do filme começa com a imagem de uma copa de árvores frondosas com a legenda Hastings, Inglaterra, 1947. Crowley faleceu de causas naturais nesse condado de East Sussex, no sudeste do país, em 1º de dezembro daquele ano. Na biografia do escritor existem “diferentes versões para as circunstâncias de seu falecimento, algumas delas claramente inventadas” (HEYSS, 2010, p. 216), o que facilitou a Doyle e Dickinson tomarem liberdades criativas para inventarem mais uma versão.

Nos dois primeiros minutos de filme não há diálogos, apenas a voz de Val Rosing cantando “Hush, Hush, Hush, Here Comes the Bogeyman” (1932), famosa canção de Rex Lowton e Ray Benson gravada por Rosing, Henry Hall e orquestra. Assim, desde o início do filme ocorre aquilo que Adorno denominou regressão da audição, isto é, a impossibilidade de entender o que condiciona a sua percepção auditiva, a incapacidade de julgar a música criticamente:

*Se perguntarmos a alguém se “gosta” de uma música de sucesso lançada no mercado, não conseguiremos furta-los à suspeita de que o gostar e o não gostar já não correspondem ao estado real, ainda que a pessoa interrogada se exprima em termos de gostar e não gostar. Em vez do valor da própria coisa, o critério de julgamento é o fato de a canção de sucesso ser conhecida de todos; gostar de um disco de sucesso é quase exatamente o mesmo que reconhecê-lo (ADORNO, 2000, p. 66).*

Ao reconhecer o antigo sucesso musical, “o ouvido treinado é perfeitamente capaz, desde os primeiros compassos, de adivinhar o desenvolvimento do tema e sente-se feliz quando ele tem lugar como previsto” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 118). Nesse sentido, a música exerce a função psicológica de quebrar a tensão da abertura do filme, passando das notícias sinistras para a alegria da nostalgia.

A letra trata do Bogeyman, monstro amorfo equivalente ao luso-brasileiro bicho-papão. Personificação do medo, essa criatura ficcional é capaz de assumir a forma daquilo que mais assusta as crianças. A canção, enquanto mecanismo psicológico, insinua uma comparação infantil de Crowley com o Bogeyman, exercendo a função de infantilizar o espectador:

*Hush, hush, hush, here comes the Bogeyman,  
Don't let him come too close to you,  
He'll catch you if he can.  
Just pretend that you're a crocodile  
And you will find that Bogeyman will run away a mile.*

*Psiiu, silêncio, aqui vem o bicho-papão,  
Não o deixe chegar perto de você,  
Ele vai te pegar, se ele puder.  
Apenas finja que você é um crocodilo  
E você descobrirá que o bicho-papão correrá, fugindo.*

Na sequência, ainda com a música tocando, o jovem Alex (interpretado por Sean Rea), aparece falando “Mal posso esperar para encontrar o homem mais perverso do mundo” (2m42-43s), no que é repreendido pelo amigo Symonds (interpretado por Geoffrey Breton): “Não faça brincadeiras, Alex. Ele é poderoso e perigoso” (2m52-55s).

O epíteto “wickedest man in the world” (o homem mais perverso do mundo), exibido no início do filme, foi lançado pelo jornal John Bull em 24 de março de 1923. Desde então tem sido insistentemente repetido pelos detratores de Crowley, reduzindo Thelema a uma justificativa superficial para uma existência de licenciosidade, sexo, drogas e magia negra, quando na verdade trata-se de uma ética filosófica, ou religião secular, que enfatiza o cultivo e o desenvolvimento da vida interior enquanto um processo infinito de autoaperfeiçoamento que se fundamenta no pensamento autônomo, bem como nos princípios da liberdade e dos direitos individuais, extensivos à humanidade como um todo.

O personagem de Breton, ainda que recuse o epíteto estereotipado, reforça seu sentido, ao caracterizar o mago como um homem poderoso e perigoso. A ambivalência de Symonds, como o nome do personagem indica, foi baseada em John Symonds, executor literário de Crowley, que o conheceu um ano antes de sua morte, em Hastings, tornan-

do-se o responsável pela publicação póstuma dos seus escritos. Posteriormente, ele se voltou contra Thelema e, em 1951, escreveu uma biografia do escritor repleta de comentários depreciativos e calúnias.

O som da música para no instante em que a porta da casa de Crowley é aberta, reforçando a comparação infantil de Crowley com o Bogeyman. Um empregado recebe Symonds friamente, dando a entender que ele é um hóspede frequente, e ignora a presença de Alex, que sobe as escadas reclamando da sujeira da casa e afirma que Crowley é “o homem esquecido da magia”, recebendo uma réplica do amigo: “Nem tão esquecido. Ele continua recebendo cartas de seus seguidores na América” (3m23s). A biografia de Crowley confirma que ele passava a maior parte do tempo sozinho em seu quarto, mas também recebia visitas frequentes e contribuições em dinheiro (HEYSS, 2010, p. 212-214).

Quando entram no quarto de Crowley (interpretado por John Shrapnel), ele saúda: “Do what thou wilt shall be the whole of the Law” – “Faz o que tu queres deverá ser o todo da Lei”. Symonds responde a saudação: “Love is the law, love under will” – “Amor é a lei, amor sob vontade”.

Na sequência, Crowley apresenta ao jovem o mais antigo e poderoso ritual dos hieróglifos egípcios, que conta o mito do assassinato de Osíris por Seth, que cortou o cadáver em quinze pedaços e os espalhou pelo Egito, e a ressurreição de Osíris após Isis reunir a maior parte de seu corpo, faltando seu falo. Usando um galho como substituto, ela copulou com o marido, gerando o filho Hórus.

Quando eles saem do quarto, conversando sobre casamento alquímico, Crowley desmaia com o relógio de bolso na mão esquerda. Enquanto Symonds corre para buscar ajuda, Alex tenta pegar o relógio, mas é surpreendido e amaldiçoado: “Eu amaldiçoó a mão que rouba meu tempo restante” (9m45-48s), foram as últimas palavras de Crowley, que morre. Symonds volta para o quarto, constata o falecimento e furta o relógio.

Em uma fusão, forma gradual de corte, a imagem do relógio nas mãos do jovem vai gradualmente desaparecendo enquanto reaparece nas mãos de um homem idoso, que diz: “Há 50 anos eu mantenho esse relógio marcando os segundos da minha vida. Marcando minhas quedas e fracassos, amores e perdas. É um longo e doloroso tempo para o autoconhecimento” (10m26-37s). O idoso é Symonds (interpretado por Paul McDowell), agora professor da Universidade de Cambridge. A partir de então a trama se passa em quatro dias, de terça a sexta-feira.

No início do primeiro dia, a estudante ruiva Leah Robinson (interpretada por Lucy Cudden) espera o Dr. Joshua Mathers (interpretado por Kal Weber) na estação de trem de Cambridge. Ele chegou da Califórnia para trabalhar em um projeto da universidade. Na cena seguinte, ele visita um misterioso laboratório de física. Em seguida, um corte seco mostra uma aula do gago Oliver Haddo (interpretado por Simon Callow), professor de

literatura inglesa, especialista em Shakespeare. O nome faz referência ao já mencionado personagem homônimo do livro *The Magician*, de Maugham.

Outro corte seco leva de volta ao laboratório. Joshua Mathers, Prof. Duncan Brent (interpretado por Terence Bayler) e o cientista Victor Newman (interpretado por Jud Charlton) conversam sobre o computador Z93, descrito no livro de Doyle e Dickinson como o mais rápido do mundo. Menos de um minuto depois, após nova mudança de cenário, Victor conta para Haddo que o conhecimento de todos os rituais de Aleister Crowley foi transferido para a linguagem binária do computador, interligado a um traje de realidade virtual. Segundo ele, o Z93 trabalha com física quântica, que é a “verdadeira alquimia” (15m34-35s). E a chave para sua ativação é a magia sexual. Depois que se passam cinco minutos com outras cenas, Victor usa o Z93 para transferir a consciência de Aleister Crowley para Oliver Haddo.

Um fade out corta para o segundo dia, quarta-feira. Após cinco minutos de cenas, Prof. Symonds aparece em um auditório anunciando uma palestra do Prof. Oliver Haddo sobre “A Psicologia de Hamlet”. Ele entra em cena de cabelo raspado, sob o som de “Aleluia”, 42.º movimento do oratório *O Messias* (1741), de Georg Friedrich Händel, reestruturada para rápido efeito sonoro no filme.

As presenças de Shakespeare e Händel nesse filme de terror sugerem uma “crescente interpenetração de alta cultura e cultura de massa”, razão pela qual “parece-me que devemos repensar a oposição alta cultura/cultura de massa [...] como fenômenos objetivamente relacionados e dialeticamente interdependentes, como formas gêmeas e inseparáveis da fissão da produção estética sob o capitalismo” (JAMESON, 1994, p. 6).

O professor começa a palestra falando, sem gaguejar, que “William Shakespeare era um ocultista” (26m6-7s). Depois afirma: “Para nos esclarecermos, vejamos as palavras do maior poeta inglês vivo, Aleister Crowley: ‘Mijar ou não mijar, eis a questão’” (26m44-49s). Após proferir algumas palavras de baixo calão, urina na plateia de estudantes, que grita horrorizada.

Cortes de cenas e minutos depois, o colegiado de professores convoca-o para dar explicações. Ele os cumprimenta com “Faz o que tu queres deverá ser o todo da Lei” (29m10-11s). Depois que ouve uma reprimenda, ele amaldiçoa o cristianismo, no qual vê a mitologia mais recente, pratica o sacrilégio e afirma: “Haddo está confinado no abismo. Vocês estão diante da reencarnação de Ko Hsuan, Conde Cagliostro e Eliphas Levy. Mas também podem se referir a mim como a Besta” (29m29s-44s).

Em três dias a ressurreição de Crowley estaria completa e ele tomaria conta do corpo do professor definitivamente. A consumação se daria com uma cerimônia de magia sexual com a participação da Mulher Escarlata, que no caso seria a jovem ruiva Leah Robinson. Na cena seguinte, ela aborda o possesso Prof. Haddo, pedindo uma entrevista.

Ele responde: “O Novo Aeon chegou... O Aeon de Hórus. Faz o que tu queres deverá ser o todo da Lei” (33m26-33s).

Na sequência, incluindo o terceiro e o quarto dias, cenas de violência, erotismo, humor, rituais, abjeção, excrementício, seguindo o estereótipo usual dos filmes de terror e ocultismo, atendendo o horizonte de expectativa da repetição genérica, pois o “público atomizado e em série da cultura de massa quer ver a mesma coisa vezes e vezes a fio” (JAMESON, 1994, p. 10-11).

Nos dez minutos finais, a narrativa mistura teoria da relatividade de Einstein e mecânica quântica de Schrödinger, ficção científica e ocultismo, universos paralelos e realidade virtual. Toda essa miscelânea presente no roteiro tem como desfecho o fracasso do plano de Crowley, que foi impedido por Mathers e Symonds. O filme termina com a palestra do tartamudo Prof. Haddo, que fala sobre a psicologia de Hamlet, enquanto Symonds e Alex, na plateia, cochicham sobre o destino do relógio de Crowley, que aparentemente (e grotescamente) teria sido engolido pelo palestrante.

Nos créditos finais, enquanto as letras brancas sobem em um fundo preto, no padrão adotado na maioria dos filmes, escutamos a canção “Man of Sorrows” (homem das dores), do álbum Accident of Birth (DICKINSON, 1997), que faz uma referência dupla e ambígua a Aleister Crowley e Jesus Cristo, ambos apresentados como meninos que previram o futuro no qual instaurariam uma nova Era – o Aeon de Osíris, no caso de Jesus, e o Aeon de Hórus, no caso de Crowley.

Se a doutrina de Jesus, o homem das dores, pregava a rendição da vontade individual à vontade de Deus – “Seja feita vossa vontade, assim na Terra como no céu” (Mateus 6:10; Lucas 11:2) –, resultando sempre em alguma forma de opressão ao indivíduo, a doutrina de Crowley, o outro homem das dores, quer reencantar o mundo a partir de outro paradigma. Thelema propõe que cada um pense por si próprio, suprimindo todas as formas de autoridade estabelecidas, tendo em vista a realização das vontades individuais: “Faz o que tu queres deverá ser o todo da Lei. A palavra de Pecado é Restrição”.

### **Considerações finais**

Chemical Wedding e os outros filmes de ficção comercial avaliados na primeira parte deste artigo adotam clichês de Crowley como satanista ou praticante de magia negra, envolvido em crimes violentos. Assim, revelam um desajuste entre a linguagem ocultista de Crowley, que expressa uma vontade de autonomia e liberdade irrestrita, com a linguagem cinematográfica feita para lucrar com a venda de uma mercadoria para uma coletividade massificada (ainda que o filme de Doyle não tenha sido um sucesso comercial).

Os filmes abordam a transgressão de Crowley sem nunca romper com os padrões do entretenimento comercial e do conservadorismo estético que hostilizam a transgressão

thelêmica. Como já foi apontado por filósofos como Adorno e Horkheimer, o progresso econômico e a elevação do padrão de vida das classes médias aumentam a impotência das massas, que se veem anuladas em face dos poderes econômicos das classes dominantes. Desse modo, a atitude anticapitalista perde sua força, dando lugar a uma oposição leal ao sistema ou a uma rebeldia sem causa, mera retórica antiburguesa desprovida de análise crítica do sistema socioeconômico.

### Referências

ADORNO, Theodor W. O fetichismo na música e a regressão da audição. In: \_\_\_\_\_. **Textos escolhidos**. Trad. João Luiz Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 2000 (Os Pensadores).

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CHEMICAL Wedding. Direção: Julian Doyle. Londres: Bill&Ben Productions, Focus Films, 2008. Disponível em: <<https://youtu.be/zrGCoISeOCs>>. Acesso em 10 dez. 2019.

CROWLEY, Aleister. O Livro da Lei. In: \_\_\_\_\_. **Os Livros Sagrados de Thelema**. Trad. Vitor Cei. São Paulo: Madras, 2018, p. 135-158.

DICKINSON, Bruce. **The Chemical Wedding**. Redondo Beach, CA: Silvercloud Recording, 1998. 1 disco sonoro.

DOYLE, John; DICKINSON, Bruce. The chemical wedding: the first science fiction novel. Leicester: Matador, 2008.

HALL, Henry. Hush, Hush, Hush, Here Comes the Bogeyman. 1932. In: **30's & 40's Era Halloween, Vol. 2**. San Rafael, CA: Red Devil Records, 2012. Disponível em <<https://youtu.be/6FDnPb0Iocg>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

HÄNDEL, Georg Friedrich. **Handel: Messiah, HWV 56 / Pt. 2 - No. 44, Hallelujah**. Disponível em: <<https://youtu.be/GnE6UBUe8Lw>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

HEYSS, Johann. **Aleister Crowley**: A Biografia de um Mago. São Paulo: Madras, 2010.

JAMESON, Fredric. Reificação e utopia na cultura de massa. Trad. João Roberto Martins Filho. **Crítica Marxista**, São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 1-25, 1994.

ROSENKREUTZ, Christian. **The Chemical Wedding of Christian Rosenkreutz**. Trad. Joscelyn Godwin. [S.l.]: Phanes Press, 1991.

RODRIGUES, Marcel Henrique. A Rosa-Cruz: os primórdios de uma fraternidade esotérica. **Impulso**, Piracicaba v. 27, n. 68, p. 117-128, 2017.

SYMONDS, John. **The Great Beast**: the life of Aleister Crowley. London: Panther Book, 1963.

TILTON, Hereward. The Rosicrucian manifestos and early Rosicrucianism. In: PARTIDGE, Christopher (org.). **The Occult World**. Abingdon: Routledge, 2015, p. 128-144.

**Frater Eudaimon**

# CORDEL DA LINHAGEM

Olha sua moça e seu moço, deixa eu contar pra vocês.  
Para começo de conversa mando um 93  
Vou lhes contar de um assunto que é deveras batido.  
Vou lhes falar o que é Linhagem, e o que tenho percebido.

A Liberdade pra Thelema é sua lei mais fiel.  
Amor e Vida e Luz que alumeiam um dossel.  
Se apercebendo Estrelas trazemos febre dos céus.  
Isso irmana e nos une, e vou cantar num cordel.

A Santa Ordem é uma luz ora secreta e sagrada.  
Que sempre esteve presente em qualquer encruzilhada.  
De nome já teve vários, pra nomear qualquer um.  
Vou nomear o de agora, que é Astrum Argentum.

Ela foi reconectada por um cabra inglês.  
Poeta, místico e louco eu vou contar pra vocês.  
Foi pro Egito de núpcias, se achando que era Rei.  
Mas acabou escrevendo o tal do Livro da Lei.

E duvidou da mensagem que na gaveta guardou.  
Mas foi da boca do Anjo, o beijo que ele tomou.  
Que fez brotar poesia, maior magia que têm  
E escreveu tudo em livro deixando a idéia pra alguém

Alguém que se dispusesse a se testar na ilusão.  
A se expandir, se medir, assim começa a instrução!  
Não adianta, tem coisa que só a gente vai saber...  
Qual é a natureza dos poderes do próprio ser?

Qual a visão do sagrado? Do Universo e Esplendor?  
Das atrações repulsões que você sempre guardou?  
Sem ânsia de resultado, vai burilar a questão.  
Mas tal resposta é fruto de uma Iniciação.

Está formado o elo, uma linha, você viu?  
Alguém te deu uma dica, e aspiração lhe surgiu.

Você testou e o sucesso provou que tu conseguiu.  
Taí o que é linhagem e isso chegou no Brasil.

Aqui na terra do Sol, tudo floriu e espraizou  
E outros foram chegando e o fruto fortificou  
Linhagem não é corrente, mas é um elo de Amor.  
Nem todo mundo apercebe assim começa a dor.

Pois é função de coragem se olhar, se reconstruir.  
Pois só assim é o jeito que o instrutor vai surgir.  
Já me falaram e afirmo ensinamento que preste:  
“Quando o discípulo está pronto o Mestre desaparece”

Será que Mestre e Discípulo vão ter se tornado um?  
Ou será que na verdade nunca foram nenhum.  
Mas se das bocas ardentes surge a nova linguagem?  
Do beijo memorial há uma nova Linhagem

Trabalha na vertical da Verdadeira Vontade.  
Saiba moça, saiba moço isso não é novidade.  
Pois apressado não come tão pouco rasga seus véus.  
Quem não passou pela Morte não traz a chuva dos céus.

Não se acanhe seu moço, pois pode passar vexame  
Se arvorar num trabalho que nem passou pelo exame.  
Isso tem método, prova e um bocado de trâmite.  
Mas é assunto mais longe que o sertão das Pirâmides.

Nosso cordel se encerra em linhas mais que espirais  
Pois os caminhos são muitos e é cada um que o faz.  
O Cantador se despede pois não é sua, essa voz.  
Vai voar pela Aurora: Força e fogo são de nós!

**Hoor418 - setembro 2020**



*J. Miguel / 2008*

# UMA ENTREVISTA COM ROBERT FLORES

AW: Conte-nos um pouco sobre você: quem é você e qual é o seu Trabalho?

RF: Não há realmente muito a dizer aqui — eu sou uma pessoa muito comum — embora eu possa ser um romântico desenganado e goste muito de fazer música, algo pelo qual sempre tive paixão. Tornei-me pai aos 18 anos de idade e criei cinco filhos e uma enteada. Ainda tenho um filho em casa e logo poderei ser padrasto de outro, então não há como negar que ser pai foi uma grande parte de meu karma nesta encarnação.

Profissionalmente falando, trabalhei muitos anos na área de desenvolvimento infantil e fui diretor de vários programas governamentais, mas me aposentei cedo para poder me concentrar nos estudos. Hoje meu único trabalho, além de ser pai, é de uma forma ou de outra relacionado com Thelema, em grande parte voluntário e é por isso que comecei a escrever.

Se há algo incomum em mim, pode ser que me interessei por assuntos espirituais muito cedo na vida.

AW: Como você descobriu Thelema?

RF: Eu fui apresentado a Crowley em uma idade notavelmente jovem (por volta dos 10 anos). Eu frequentemente visitava a biblioteca local, que tinha livros suficientes na prateleira de sua seção metafísica para alimentar meu crescente interesse. Um deles era a série Man, Myth and Magic publicada pelo grupo Marshall Cavendish na década de 1970. Ele incluía muitos artigos fascinantes, inclusive vários sobre Crowley e, como mencionado anteriormente, eu estava naturalmente inclinado para assuntos espirituais e filosóficos, então eu gravitava em torno desses assuntos. Naquela idade, eu sabia pouco fora da Bíblia, mas também fazia pouca distinção entre o cristianismo com o qual fui criado e os assuntos ocultistas aos quais fui exposto. Para mim, eles eram todos sobre a mesma coisa, então eu peguei de tudo e isso incluía Crowley. Outro título interessante que eles tinham na prateleira era The Complete Magick Curriculum of the Secret Order G.B.G. de Louis T. Culling publicado pela Llewellyn. Se você conhece o livro, ele está carregado com referências Thelêmicas e as fotos mais estranhas que deixaram uma impressão muito definida em minha mente jovem. Eu continuaria a frequentar esta biblioteca durante minha infância. Devo ter verificado todos os livros da seção metafísica pelo menos uma dúzia de vezes. Então, com a idade de doze anos, algo bastante inesperado aconteceu. Ou seja, comecei a ter uma série de experiências que agora sei que foram experiências astrais. Ou seja, comecei a deixar meu corpo à noite. Lembro-me de tentar discutir isso com meus

pais e um dia simplesmente deixar escapar que os anjos eram reais, mas eles me olharam como se eu fosse louco. Ficou claro que eu precisava encontrar minhas próprias respostas e eu sabia exatamente para onde ir. Mais uma vez, minha biblioteca local tinha o livro perfeito na estante — era o *Journey's Out of the Body* de Robert Monroe. O que li naquele livro refletia tanto minhas próprias experiências no astral que me convenci de sua autenticidade. Nos meses seguintes, meu trabalho astral se intensificou e daquele ponto em diante eu sabia que esse seria um interesse vitalício meu e que, de alguma forma, esse personagem Crowley tinha algo a ver com isso. Aos treze anos, eu estava encomendando livros da Donald Weiser e nunca mais olhei para trás.

AW: Você já fez parte de algum grupo ou ordem antes de Thelema?

RF: Eu nasci e fui criado como católico, se isso conta. Até considerei entrar para o sacerdócio em algum momento e passei vários verões em mosteiros enquanto estava no colégio — além disso nada — eu sabia que era um thelemita e estava apenas esperando para encontrar outros thelemitas.

AW: Conte-nos sobre sua trajetória na O.T.O.

RF: Por volta de meados de 1993, encontrei um periódico em uma livraria local que continha o número de telefone da Thelema Lodge em Berkeley, Califórnia. Há anos eu estava procurando e liguei para o número quase imediatamente. Um cara chamado John Brunie atendeu o telefone e eu imediatamente me senti em casa. Conversamos por cerca de 20 minutos enquanto John pacientemente respondia a todas as minhas perguntas e anotava meu endereço para que pudesse me enviar algumas publicações. Poucos dias depois, o boletim informativo da Thelema Lodge chegou, e continuou chegando nos próximos meses. Na parte de trás deles havia uma lista de contatos de vários órgãos da O.T.O. nos Estados Unidos. Na época eu morava na pequena cidade de Lincoln, Califórnia, e a Loja mais próxima de mim era a 418 Lodge, localizada em Oroville — a apenas 35 minutos de carro de minha casa — e, é claro, ela funcionava na casa de Soror Meral. Então escrevi para Phyllis e, eventualmente, isso me levou a assistir uma palestra dela e nos demos bem. Pouco depois, comecei a frequentar a 418 Lodge e a Thelema Lodge, mais tarde ingressando na O.T.O. e no C.O.T. no início de 1995. Daquele ponto em diante, minha trajetória na O.T.O. foi bastante direta. Felizmente, mais ou menos na mesma época, Miguel Walters (agora falecido) mudou-se da cidade de Nova York para a área. Ele era um thelemita e um líder carismático natural e rapidamente nos tornamos amigos. Dentro de alguns anos, tínhamos nossa própria comunidade thelêmica local que se tornou um acampamento oficialmente licenciado da O.T.O. em 1996. Seu nome era Hodos Chamelionis, e ser parte de um corpo em desenvolvimento me deu a oportunidade de servir a comunidade local em várias funções. Foi no Hodos Chamelionis que eu acabaria conhecendo David Shoemaker. Embora às vezes a nossa comunidade tivesse enfrentado dificuldades, também crescemos juntos e muitos dos amigos que fiz durante esse período permanecem comigo até hoje. Hodos acabaria fechando suas portas, mas naquela

época uma comunidade thelêmica havia se formado em Sacramento e a 418 Lodge logo se mudaria para aquela área. Em 2004, Phyllis faleceria. Ela era uma amiga íntima e mentora de muitos na comunidade local e, por isso, sua perda foi imediatamente sentida por quase todos nós e assim continuamos em seu nome. Shoemaker foi, é claro, o primeiro Mestre da Loja, mas quando ele se afastou, ele me pediu para assumir. Tive a honra de servir como Mestre da Loja 418 na época e ainda sou um membro até hoje. Ao longo dos anos, desempenhei todas as funções possíveis como oficial e iniciador na O.T.O. e na E. G.C. Hoje sou um Sacerdote ordenado da E.G.C. e membro do Senado na O.T.O.

AW: Você foi aluno do College of Thelema? Você pode nos contar um pouco sobre suas visitas à casa de Phyllis Seckler?

RF: Sim, entrei para o College of Thelema em 1995 e frequentava as aulas na casa de Phyllis. Ela era uma professora gentil, mas assertiva, e me ensinou muito sobre Thelema. Ela também era uma astróloga brilhante e intuitiva e foram suas lições a esse respeito que permaneceram comigo ao longo dos anos e ainda leio mapas da maneira exata que ela me ensinou, o que é um pouco incomum. No sistema de Phyllis, as casas se moviam enquanto os signos zodiacais permaneciam estacionários, o que é exatamente o oposto do que você vê tradicionalmente. Este método foi ensinado a ela por Mellinger e, pelo que eu sei, apenas alguns o usam hoje. Phyllis morava em uma pequena cidade chamada Oroville, no norte da Califórnia. Sua modesta casa era de um andar só, com um porão embaixo, no qual seu templo ficava. Sua casa ficava em uma colina com vista para um belo vale e ela gostava da solidão. Ela morava bem próximo de uma loja de produtos de jardinagem, e às vezes eu parava lá antes de visitá-la para trazer algo para o jardim dela. Seu quintal era o orgulho dela, e ela o transformou em um pequeno oásis. Do pátio principal havia um caminho que conduzia à direita até o canto da propriedade, onde muitos de nós sentávamos e conversávamos. Havia uma árvore especial lá em cima, da qual muitos pegariam um galho para fazer suas varinhas mágicas. À esquerda do pátio havia uma escada que nos levava por um caminho que chegava no templo dela e ao longo desse caminho estava o jardim de rosas de Phyllis, que era dividido em vários níveis. Com o passar dos anos, ela reclamava que não tinha tempo para cuidar do jardim da maneira que ela costumava, mas ele sempre parecia estar florido. Nos dias de aula, eu sempre aparecia uma ou duas horas mais cedo para que pudesse ficar algum tempo sozinho com ela. A princípio, eu inventava desculpas para explicar por que havia chegado cedo, mas Phyllis logo percebeu, e na minha terceira ou quarta visita já estava me esperando com chá e nunca reclamou disso. Como eu morava perto dela, algumas vezes fui motorista dela, pois ela não gostava de dirigir por muito tempo. Então, se ela precisasse de uma carona, ela ligaria e eu a levaria para onde ela precisasse ir. Ela nunca pediu carona para assuntos mundanos, era sempre para encontrar alguém, e foi assim que conheci Jim Eshelman, Greg Peters e Helen Parsons (em ocasiões diferentes). Lembro-me de meu tempo com Phyllis com carinho e ela teve um impacto muito definitivo em minha vida – se eu tenho algum arrependimento é que não encontrei uma maneira de criar mais memórias com ela – mas tenho certeza de que nos encontraremos novamente e imagino que vamos continuar de onde paramos.

AW: Como você acabou estudando na A.'A.' com Jerry Cornelius?

RF: Conheci Jerry em 1994. A Pangenetor Lodge ficava na casa dele na época, e às vezes eu participava de eventos lá e foi assim que o conheci. Naquela época, ele, Heidrick e Phyllis eram como lendas vivas — todos os conheciam e admiravam. É claro que isso foi anos antes de Jerry deixar a O.T.O. e eu me sinto feliz por ter estado perto de todas essas três pessoas — elas eram essencialmente da realeza thelêmica. Bem, como você sabe, eu estava inicialmente mais próximo de Phyllis e provavelmente a caminho de me juntar à A.A. por ela pois eu era um aluno particular dela. Mas, para ser honesto, eu não estava pronto para esse tipo de trabalho e as escolas tradicionais da Golden Dawn não me empolgavam em nada. Em vez disso, estava gostando muito do meu trabalho na O.T.O. e encantado com seus mistérios e os ensinamentos de Grady McMurry. Um dia li algo de Jerry sobre a fórmula de 418 e estava terrivelmente próximo de algo em que eu mesmo estava trabalhando. Eu sabia, pelo que Jerry escreveu, que ele entendia essas fórmulas em um nível que ninguém conhecia mais do que eu, e não fiquei surpreso, pois ele sempre falava sobre Grady. Então eu escrevi para ele um dia e disse que gostaria de visitá-lo para discutir um pouco do que ele havia escrito. Já que ele me conhecia, ele disse “claro, venha...” foi provavelmente a primeira discussão realmente mágica que tivemos e nós nos demos imediatamente bem. Acho que ficou claro para nós dois que podíamos conversar sobre essas coisas um com o outro em um nível que poucos poderiam seguir. Lembro-me de sair naquele dia totalmente extasiado e sabia que tinha encontrado a pessoa com quem precisava treinar, então comecei a visitá-lo regularmente e realmente gostei do nosso tempo juntos e acho que ele também gostava, embora ele possa não admitir isso hoje. Em qualquer aspecto, após cerca de uma dúzia ou mais de visitas, mencionei a ele que estava pronto para me afiliar em sua A.'A e lembro que ele me olhou espantado e perguntou, você não é um dos alunos de Phyllis? Ao que expliquei que era de fato um aluno dela, mas nunca havia assinado formalmente nenhum juramento, pois não me sentia pronto, mas agora estava pronto se ele me aceitasse como aluno. Ele imediatamente foi até seus arquivos e tirou alguns papéis e os entregou para mim e me pediu para lê-los e devolver para ele. Ele entregou a primeira de uma série de epístolas chamadas “On causes why” — que ele não usa mais hoje em dia. Depois de responder a essas epístolas por meio de ensaios, comecei meu trabalho oficial como seu aluno.



"Robert Flores - Arquivo pessoal"

AW: Quais são as diferenças na sua linhagem da A.'A?

RF: Antes de mais nada, “minha linhagem da A.'A” é um pouco impróprio. Eu realmente sou um Adepto da linha de Grady, já que assinei meu Juramento sob Cornelius. Mas rompi com ele há muitos anos e depois de vários anos em silêncio, durante os quais enfrentei minhas próprias provações, simplesmente voltei ao meu trabalho e comecei a ensinar. Eu não estava de modo algum envolvido na O.T.O., A.'A ou Thelema durante meus anos de Silêncio, então eu não tinha ideia de tudo o que havia acontecido em minha ausência. Quando voltei, descobri que as batalhas envolvendo a A.'A estavam a todo vapor e que a 418 Lodge estava passando por dificuldades, então me senti compelido a ajudar a curar a comunidade de qualquer maneira que pudesse. Assim acabei estendendo a mão para velhos amigos, incluindo algumas das outras Clerk Houses. Em um curto espaço de tempo, as pessoas começaram a me contatar sobre a A.'A e embora eu tivesse deixado claro que não queria aceitar nenhum aluno, estava disposto a aconselhar amigos e ajudá-los de todas as maneiras que pudesse e, a partir daí, meu trabalho cresceu. Você vê como Grady ensinava que a A.'A não era uma estrutura de hierarquia velho-aeônica com algum guru no topo. Em vez disso, é uma teia em constante evolução e expansão, e a única coisa que importa é a relação entre um Aluno e um Professor e ninguém mais está envolvido. Portanto, é verdade que tive um pequeno número de alunos seletos ao longo dos anos,

mas não recruta alunos ativamente, nem a Aum Ha Clerk House mantém uma presença na web de qualquer tipo, nem tentei criar minha própria linhagem independente – tanto quanto eu entendo, não é assim que a A.'A deveria trabalhar. Em vez disso, desenvolvi um relacionamento muito pessoal com um punhado de pessoas e é só com eles que trabalho. Outros apontaram para mim e meu trabalho e tiraram todos os tipos de conclusões com base nele, mas na verdade cada Clerk House é independente. Portanto, eu não sou o chefe de nada, exceto da minha própria Casa, sou apenas um dos muitos na rede em constante expansão da A.'A, e por causa de minha senioridade dentro da Linhagem, pode-se dizer, eu fui lançado sob certos holofotes. É verdade que sou um membro sênior da linha de Grady, isso eu não posso negar, e é verdade que trabalho para difundir Thelema de todas as maneiras que posso e tento permanecer ativo na comunidade e quando falo publicamente de nossos mistérios, há aqueles que sentem afinidade com minhas palavras e por isso alguns me procuram buscando orientação e conselho etc. Mas eu rejeito categoricamente a ideia de uma “liderança” da A.'A, pois acho esse tipo de pensamento totalmente do velho aëon e, em vez disso, trabalho para fortalecer o indivíduo. Para saber mais sobre o nosso trabalho, acesse <http://www.astrumargenteum.org>

AW: Como funciona uma Clerk House da A.'A?

RF: Clerk House é um título adotado em homenagem a Grady McMurtry, cuja primeira tentativa de um órgão oficial da O.T.O. na área da baía de São Francisco foi chamada de Kaaba Clerk House. É um termo retirado de Liber AL.

É simplesmente o veículo ou corpo externo que a pessoa estabelece quando está pronta para ensinar. Ou seja, quando alguém na linha de Grady está pronto para assumir seus próprios alunos e mais ou menos trabalhar de forma independente, eles recebem uma autorização para administrar uma Clerk House. Não é algo que faça parte da A.'A original ou de sua estrutura padrão. Em vez disso, é exclusivo de nossa linhagem e tem muito mais a ver com nossa tradição. No entanto, como elas realmente funcionam e/ou ensinam é mais ou menos segundo as linhas tradicionais – com a única exceção de que as Clerk Houses têm uma grande independência.

AW: Como sua pesquisa sobre o Liber OZ começou?

RF: Ela começou com uma pergunta feita por uma Soror – ela queria saber se o OZ tinha alguma aplicação filosófica interna ou se era melhor compreendida de maneira simples e mundana. Até aquele ponto, eu realmente não havia considerado OZ filosoficamente. Mas aquela pergunta me forçou a pensar e então comecei a contemplar as implicações filosóficas deste Liber. Ao fazer isso, tive um daqueles momentos de epifania que me levou a ver OZ sob uma luz totalmente nova. Embora eu imediatamente tenha começado a registrar meus pensamentos, levei vários meses antes que eu pudesse apresentá-los de qualquer maneira coesa. Além da estudante que inicialmente fez a pergunta, a primeira pessoa com quem compartilhei minhas anotações foi Bill Heidrick e foi ele

quem primeiro sugeriu que eu as publicasse. Para saber mais sobre esta pesquisa, acesse <http://liberozproject.com>

AW: Quais mudanças você percebeu na comunidade Thelêmica desde que você começou?

RF: Em muitos aspectos, ela amadureceu e atualmente desfruta de um certo nível de aceitação entre os círculos acadêmicos. Mas, de outras maneiras, ela estagnou enquanto as Ordens Thelêmicas lutam para evoluir e abraçar a Lei de Thelema. Portanto, vejo mais organização — livros melhores — professores melhores e rituais melhores. Mas também vejo mais dogma, uma contínua política envolvendo a A.'A e menos aceitação geral. Precisamos trazer de volta um pouco do antigo espírito, mas em equilíbrio com o que é bom hoje. Os corpos thelêmicos maiores precisam abraçar a mudança e o crescimento e desapegar de muitos dos demônios de ontem (do passado?). O mesmo tipo de luta que você vê acontecendo no mundo lá fora você encontra em nossas ordens thelêmicas. O mesmo tipo de política suja e gente com fome de poder armando seus jogos — precisamos encontrar uma maneira de superar tudo isso.

AW: Quais você acha que são os maiores desafios para a comunidade thelêmica?

RF: O que mencionei anteriormente. Precisamos de líderes e organizações que realmente adotem a Lei de Thelema, não daqueles que dizem que o fazem e então se voltam e usam os ensinamentos de Crowley para apoiar suas posições fascistas confusas... esta é uma luta real e é uma batalha desta geração — não apenas em Thelema, mas em todo o mundo. A humanidade se levantará? Será que algum dia aceitaremos verdadeiramente que toda mulher e todo homem é uma estrela? Algum dia subjugaremos os preconceitos? Será que algum dia entenderemos que a compaixão é realmente o vício dos Reis e, em seguida, voltaremos e começaremos a agir como Reis? A verdade é que a humanidade há muito tem em seu poder a capacidade de resolver todos os seus males — mas nós temos? Não estarei por perto para ver se vamos fazê-lo, mas sei que temos a capacidade e sei que a Lei de Thelema pode nos guiar até lá.

AW: Qual é a sua visão, como norte-americano, sobre Thelema no Brasil?

RF: Eu gostaria de ver Thelema crescer e cumprir sua promessa. Os princípios filosóficos de Thelema são bastante profundos, embora nós, como um povo, ainda sejamos muito afetados pelo pensamento do velho éon. Tudo o que se deve fazer é olhar para o estado da política no mundo para ver que o velho éon ainda tem um forte controle sobre a humanidade — mas ainda há esperança. Gandhi disse uma vez que devemos ser a mudança que queremos ver no mundo e com isso estou inteiramente de acordo. É por esta razão que eu, anos atrás, comecei a me aproximar dos líderes de várias comunidades thelêmicas ao redor do mundo com a esperança de encontrar algum terreno comum — algo para aproximar nossas comunidades um pouco mais e deixar para trás o tipo de

política e brigas que só servem para nos dividir. Eu gostaria de pensar que tenho tido pelo menos um pouco de sucesso nesses assuntos e, de fato, agora não é tão incomum ver comunicação e projetos entre linhagens da A.'.A se unindo. Muito parecido com esta publicação, que eu entendo que é o esforço conjunto de alguns ramos da A.'.A, e embora eu não tenha nada a ver diretamente com este projeto em particular, imagino que estou sendo entrevistado aqui precisamente por causa das conexões que fiz aqui no Brasil em meus esforços para unir a comunidade Thelêmica. Então, você poderia dizer que o mesmo espírito que criou este periódico é minha esperança e visão para Thelema em todo o mundo enquanto avançamos no novo éon. Em suma, gostaria de ver um mundo em que cada pessoa fosse verdadeiramente respeitada como uma estrela, em que a individualidade fosse abraçada e a liberdade celebrada por todos. Cada um de nós desempenha um papel na realização desse sonho... devemos ser a mudança que queremos ver no mundo.

AW: Quais peças fundamentais da história thelêmica estão faltando e que seria bom se reaparecessem hoje?

RF: O que falta é a história moderna. Tudo o que aconteceu durante a vida de Crowley está bem documentado, mas a história após a morte de Crowley está fragmentada. Ou seja, tudo que aconteceu com Motta no Brasil e com Grady McMurtry aqui na América. Em meu pensamento, essa é nossa verdadeira história. A O.T.O. não funcionou realmente como uma organização sob Reuss e teve sucesso limitado sob Crowley. Na verdade, quando Crowley faleceu, havia apenas um punhado de membros sobreviventes tanto na A.'.A quanto na O.T.O. Mas as coisas realmente decolaram nos anos 70 graças ao trabalho de Grady, Phyllis, Motta e alguns outros. Em minha opinião, historicamente, este é período mais significativo para Thelema e extraordinariamente muito pouco foi escrito sobre esse período. Claro que muitos dos protagonistas ainda estão vivos e há muitas histórias que preferem não contar — mas na verdade é a nossa história e é importante que seja preservada, por isso passo muito tempo conversando com aqueles que estiveram lá e escrevo continuamente tudo o que sei. Se seria bom se tudo isso aparecesse hoje??? Pode ser um pouco cedo ainda, mas é importante que seja preservado para as gerações futuras e considero isso parte do meu trabalho — se eu viver o suficiente, compartilharei tudo.

AW: Qual é a maior pérola de seus arquivos thelêmicos?

Provavelmente meu item mais precioso é um pequeno bule de chá que pertenceu a Jane Wolfe. Tive a honra de servir como sacerdote na Missa Gnóstica inaugural da 418 Lodge. O ritual aconteceu na casa de Soror Meral em Oroville e usamos todos os implementos do templo para o ritual e depois da missa comentei o quanto gostei do pequeno jarro de água na fonte e foi quando ela me contou a história por trás dele. Ela me disse que ele pertencia a Jane e que ela o comprou para levar com ela para Cefalu e que o usava quase diariamente enquanto estava lá e que ele foi até mencionado em seus diários e usado por Crowley — havia alguns pequenos copos com ele também, mas não sei o que aconteceu

com eles. De qualquer forma, depois que ela faleceu, a 418 Lodge mudou-se primeiro para minha casa em Sacramento. Em uma das reuniões da Loja, David Shoemaker trouxe uma caixa de itens diversos do templo dela e os ofereceu aos membros locais como lembranças de Phyllis — isso estava lá e eu imediatamente peguei sabendo de sua história e que era especial para Phyllis e ele está em minha posse desde então.



"Robert Flores - Arquivo pessoal"

por **Alan Willms**

# NOVA PERSPECTIVA AEONICA - UMA BUSCA POR AEONS

HISTÓRICOS Por Frater IAO136

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho busca apresentar a convergência entre pensamento místico elaborado por Aleister Crowley; o materialismo histórico de Friedrich Engels; e a fenomenologia da história das religiões de Mircea Eliade para encontrar os marcos e características históricas dos *Æons*.

## INTRODUÇÃO

No início do século XX, Aleister Crowley (1875-1946) é considerado um dos maiores magos do século XX, responsável pela fundamentação da doutrina: Thelema. Essa palavra grega que significa “Vontade”, em resumo significa: descobrir sua Verdadeira Vontade e, após isso, dedicar sua vida inteira ao seu cumprimento. A necessidade do cumprimento da Vontade se demonstra através daquele que é considerado o único mandamento em Thelema: ‘Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei’.

Thelema inicia-se com a recepção do Livro da Lei ou “Liber AL vel Legis”. No ano de 1904 foi realizado um ritual de invocação de uma inteligência praeter humana chamada de Aiwass, mensageiro de Hórus, na qual anunciava uma nova era, na qual Crowley era o profeta dessa nova Era, *Éon* ou *Æon*:

“AL I:49. Ab-rogados estão todos os rituais, todas as ordálias, todas as palavras e sinais. Ra-Hoor Khuit tomou seu assento no Oriente ao Equinócio dos Deuses; e que Asar seja com Isa, que também são um. Que Asar seja o adorante, Isa que sofra; Hoor, em seu secreto nome e esplendor, é o Senhor da Iniciação.”

Na metafísica de Thelema, a história da humanidade pode ser dividida por períodos distintos eras. A palavra *Æon* é definido como sendo “um período imensurável de tempo”. Em Thelema, cada um é caracterizado por fórmulas mágicas, na qual há um aumento da habilidade humana de perceber a si mesmo e o Universo. Essas divisões de tempo são úteis em demonstrar as diferenças entre uma Fórmula Mágica predominante e sua sucessora.

A doutrina mágica da sucessão dos *Æons* está ligada à precessão dos equinócios: isso dá a cada idade astrológica cerca de 2150 anos. O primeiro seria o Aeon de Ísis que corresponde a Era de Áries-Libra, seguido pelo *Æon* de Osíris que corresponde a Era de Pisces-Virgo e por fim o *Æon* de Hórus na qual corresponde a Era de Aquário-Leo.

Cada Aeon são reconhecidos três deuses egípcios: Ísis, Osiris e Hórus cada um correspondendo a um capítulo do Livro da Lei. Em “Confessions of Aleister Crowley”, é dito que Ísis é caracterizado quando o universo era concebido como simples alimento extraído diretamente dela; Osiris, quando o universo era imaginado como catastrófico, amor, morte, ressurreição, é o método pelo qual a experiência foi construída; e, Hórus, na qual passamos a envolver o reconhecimento do indivíduo como a unidade da sociedade.

O Aeon de Hórus teve início em 1904, com o recebimento da mensagem do Livro da Lei e a proclamação da Lei da Thelema. Em “O Advento do Aeon de Hórus”, Crowley escreve que “Thelema implica não meramente numa nova religião, mas numa nova cosmologia, uma nova filosofia, uma nova ética”.

Assim, a proposta deste trabalho é fazer um paralelo entre o pensamento thelemita de Crowley sobre os Aeons e os trabalhos de Friedrich Engels e Mircea Eliade sob uma perspectiva materialista e fenomenológica, de forma que, possamos encontrar um Aeon Histórico.

#### CONHECENDO OS PENSADORES

A conhecida obra de Friedrich Engels (1820-1895), “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, publicada em 1884, segundo o próprio Engels seria uma “investigação materialista da história” sobre a instituição familiar e seu evolucionismo cultural, desde a pré-história até as grandes civilizações da Antiguidade. O livro de Engels busca rastrear as origens da opressão de classe, com o surgimento da propriedade privada, inclusive de outros homens na forma de escravos, e a opressão feminina com a subordinação da mulher ao direito paterno para garantir a transmissão de sua linhagem e propriedade. E propõe que se opressão é uma construção social, faz-se um contraponto ao fundamento biológico ou bíblico para a opressão feminina.

É apresentado no livro a divisão da história da humanidade em distintas fases, baseado no trabalho do antropólogo Lewis Henry Morgan (1818-1881). No livro “Ancient Society”, Morgan defende que a humanidade passa por um contínuo processo de evolução, não apenas biológica, mas evolução sociocultural unilinear. Para ele, todos os grupos humanos passam pelas mesmas etapas de desenvolvimento: selvagem, barbárie e civilização conforme a tecnologia.

O Evolucionismo Cultural Unilinear não relaciona a existência de estágios evolutivos a uma datação precisa e única para todas as sociedades. Por exemplo: os portugueses estavam na civilização, enquanto os índios nas fases da selvageria e barbárie. O evolucionismo unilinear tenta provar a continuidade entre as culturas primitivas e as mais avançadas, criticando os que separavam o selvagem pagão e o civilizado cristão.

No entanto, a teoria do Evolucionismo Unilinear sofre bastante críticas. O referencial tecnológico usado para classificação das sociedades é bastante eurocêntrico. As so-

iedades que possuíssem tecnologias mais complexas seriam as mais desenvolvidas. E posteriormente, Franz Boas (1858- 1942) desenvolve a teoria do particularismo histórico: que cada sociedade possui seu próprio desenvolvimento histórico único e deve ser entendida com base em seu próprio contexto cultural e ambiental específico.

Outro autor é Mircea Eliade (1907-1986) considerado um dos maiores nomes do século XX da Ciência da Religião. Ele desenvolve a ideia de Sagrado como uma transformação do Caos em Cosmos (ordem). O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta diferente do profano através de um poder superior ou hierofania.

Para fins desse trabalho, buscamos não a variedade infinita das experiências, mas os seus elementos de unidade, através da busca das instituições familiares e as ideias de tempo e espaço sagrados podemos depreender o momento histórico da passagem dos Aëons. Uma vez que o parâmetro de “Estágios Culturais” é ideal para expressar a ideia de Aëons que coexistem numa experiência simultânea ultra-dimensional e extra-temporal. Bem como, a terminologia vitoriana de Morgan conversa ao sentido que Crowley dá para história.

#### O AËON SEM NOME – SELVAGERIA

O Aëon Sem Nome engloba todo Paleolítico. Ele teria a visão de mundo do animismo, sonho, e Magick do espírito. Todas as coisas são animadas por espíritos; há um Submundo onde conhecimento e poder podem ser obtidos. Comida era obtida por caça, pesca, e coleta. A forma-deus desse Aëon é Bes segundo Grant.

A Selvageria Inferior, na qual não existem nenhum homem neste estágio, os hominídeos vivem nas florestas, são coletores e carneiros. O principal progresso é a formação da linguagem articulada. A forma familiar era coletiva, os homens praticam a poligamia e as mulheres a poliandria, os filhos eram considerados comuns, denominado de matrimônio por grupos. As relações carnais são marcadas pelo cio, comum aos animais.

Na Selvageria Média, segundo Morgan, inicia-se com a alimentação dos peixes e a domesticação do fogo. No entanto, esses dados estão historicamente incorretos. Tem início a Idade da Pedra Lascada ou Paleolítico (2,5 milhões de anos – 5.000 a.C), na qual são identificados os primeiros artefatos em pedra lascada. O sistema familiar muda devido a seleção natural. Surge a família consanguínea na qual todos os membros daquela geração são maridos e mulheres entre si. Não havia barreiras impostas pela cultura para relações sexuais, exceto entre membros de outra geração, como pais e filhos. Engels escreve: “Em todas as formas de família por grupos ou consanguínea, não se pode saber, quem é o pai de uma criança, mas sabe-se quem é a mãe. De acordo com o modelo dos oito circuitos da consciência humana, nesta fase começa desenvolver o quarto circuito: sócio-sexual.

O próximo estágio é da Selvageria Superior. Para Morgan neste estágio surge o arco

e flecha e os animais caçados são um alimento regular. O arco e a flecha foi para selvageria, o que a espada de ferro foi para a barbárie e a arma de fogo para a civilização. Em 1500 EC, ainda havia caçadores coletores em partes da Europa e nas Américas. Hoje existem muito poucos, com o povo Hadza da Tanzânia ou povo Aka do Congo.

Também surge a Família Punaluana, como escreve Engels: “uma vez proibidas as relações sexuais entre todos os irmãos e irmãs inclusive os colaterais mais distantes por linha materna, o grupo se transforma numa gens”. Gens são grupos de pessoas que eram parentes através de seu ancestral feminino. A linhagem só pode ser estabelecida do lado materno (matrilinear). A lei moral proíbe, sob pena de infâmia, o incesto. Com exclusão sexual de suas próprias irmãs nas relações, essas mulheres chamavam-se entre si “punalua”. É a família comum no estado selvagem e na fase inferior da barbárie.

#### SACRALIDADE SELVAGEM

O Cosmo é sacralizado e a hierofania é marcada pelo mundo animal. Mitos passam de geração em geração, não possuem líderes religiosos e praticam Ritos de Passagem.

O Espaço Sagrado neste estágio são revelados por animais através de sinais. E quando não há sinais o homem provoca-o através de evocações, por exemplo: no lugar que matam um animal, ergue um santuário. A consagração de um território ou um poste ritual (totem ou árvore sagrada) é similar a própria criação Cósmica. Naquele local surge o Axis Mundi daquele povo, ela sustenta o céu, a terra e o submundo.

Este estágio o Tempo Sagrado renova a obra dos deuses (cosmogonia) através dos festivais. Eliade fala que esse é o Eterno Retorno, a busca pela antiga Era Mítica, quando os deuses caminhavam entre os homens. Esses festivais eram marcados pelos ritmos cósmicos de Ordem e Harmonia que foi estabelecido pelos deuses outrora. Manifestam-se pelo Sagrado Celeste: solstícios e equinócios.

O Tempo Sagrado é um momento para uma imitação dos deuses. Certos sacrifícios eram justificados por um ato divino: Há um mito comum entre os Paleocultivadores que uma divindade foi imolada para que pudesse brotar vegetais é muito comum.

Também há indícios na crença na imortalidade do espírito após a morte, demonstrada pelas sepulturas Paleolíticas, na qual a cabeça era voltada para o leste com pedras e adornos, salpicados de ocre vermelha. Supõe-se que começa o culto aos ancestrais.

Resquícios de fetichismo desse época são as famosas Estatuetas de Vênus encontradas da Europa Oriental até à Sibéria são os objetos de cerâmica mais antigos do mundo. Como a Vênus de Hohle Fels, 40-35 mil a.C., Paleolítico, tamanho 6 cm, marfim de mamute.

#### O ÆON DE ÍSIS – BARBÁRIE

O Æon de Isis traz força Feminina para o foco como a Deusa: Mãe Criadora, Terra fértil, Lua alternante. A mudança de consciência é o cuidado e controle das fontes de nutri-

ção. Os Magos desse Aeon tomaram a Deusa, a Mãe, como o exemplo mais claro do tipo de atitude para se ter perante a vida. Duquete escreve em “A Magia de Aleister Crowley” que nos obscuros princípios do Aeon, os humanos eram ignorantes sobre os mistérios do sexo e do nascimento, da sua causa e efeito. A vida parecia vir apenas a partir da mulher. O sangue escorria de seu corpo inexplicavelmente com o mesmo ciclo que a lua tinha. Quando o ciclo de sangramento era interrompido, a barriga dela inchava durante nove luas até que uma nova vida brotasse.

Morgan começa com Barbárie Inferior, na qual surge a produção de cerâmica como utensílio doméstico, seja por invenção original ou adoção. Posteriormente, surge a Barbárie Média com a domesticação de animais (Velho Mundo) e a agricultura de irrigação (Américas). Na Ciência da História é o inicial da Revolução do Neolítico ou Pedra Polida (5.000 – 3.000 a.C.). Foi a transição do estilo de vida de caçador-coletor para um agrícola e sedentário.

Neste estágio também acontece uma revolução familiar, novas proibições de relações surgem, agora dos parentes distantes e outros; denomina-se Família Sindiásmica ou Pré-Monogâmica. É a forma de família mais comum no estado da barbárie. Nesta família surge o pai autêntico, mas a linhagem é matrilinear, não significa matriarcal. As mães constituíam a grande força dentro dos gens, tanto que não hesitavam, quando a ocasião o exigia, em destituir um chefe e rebaixá-lo à condição de simples guerreiro. A divisão do trabalho só existe entre os dois sexos. O homem vai à guerra, caça, pesca e produz ferramentas. A mulher cuida da casa, cozinha e confecciona as roupas. Cada um manda em seu domínio. A economia doméstica é comunista, tudo é de propriedade comum.

As relações sexuais são frouxas. Antes do matrimônio, em algumas sociedades, as mulheres gozam de grande liberdade sexual, disfarçado de rito religioso. Em outros povos não existe esse disfarce religioso; como os trácios, os celtas, aborígenes da Índia, nos povos malaios, nos ilhéus da Oceania e entre muitos índios americanos. Após casados, um homem vive com uma mulher, mas a poligamia e a infidelidade continuam como resquícios da família Punaluana; exige-se a fidelidade das mulheres, o adultério é cruelmente castigado. O vínculo conjugal dissolve-se com facilidade e os filhos pertencem exclusivamente à mãe.

#### SACRALIDADE BARBÁRIE

O Cosmo é sacralizado e se manifesta no mundo vegetal. Eliade diz que no neolítico, “a mulher e a sacralidade feminina são promovidas ao primeiro plano”. Evidências etnográficas mostram que foi as mulheres a domesticaram as plantas e as ferramentas para lavrar o solo, secar e armazenar a colheita e transformá-la em alimento. Bem como a domesticação de animais (diferente de pecuária).

A mulher se relaciona misticamente com a Terra: dar a luz é uma variante em escala humana da fertilidade telúrica. Todas as experiências religiosas relacionadas com a fe-

cundidade e o nascimento tem uma estrutura cósmica. O modelo cósmico: Terra Mater. O sagrado feminino, então, além de um “fenômeno empírico da agricultura, mas um mistério do nascimento, da morte e do renascimento identificado no ritmo da vegetação”.

O Tempo Sagrado neste estágio da início ao mistério da renovação do mundo e ciclo cósmico da fecundidade da Terra. Para o homem religioso os ritmos da vegetação revelam o mistério da Vida e da Criação e também da renovação, da juventude. É o mistério da regeneração periódica do Cosmos que funda a importância religiosa da primavera.

Os Deuses Uranianos se manifestam pelo Sagrado Celeste, refletindo a transcendência das regiões inacessíveis aos homens (Morada dos Deuses). Mas aos poucos, o lugar deles é tomado por outros Deuses e Heróis Míticos. Exemplo: Olorum se afasta da criação, para que seus filhos possam terminá-la. O afastamento do Deus-Céu é impulsionado pelas novas descobertas. As Deusas-Mães e Deuses fecundadores são mais acessíveis do que o Deus criador. Em algumas religiões, a Terra-mãe dar à luz sozinha, por partenogêneses. A depender da cultura, a orgia ritual em favor das colheitas também é um modelo divino da hierogamia do Deus-Céu ou Deus fecundador com a Terra-Mãe.

Outra hierofania cósmica muito importante é a valorização do ritmo da Lua: estabelece a correspondência entre o ciclo de morte e ressurreição.

Este estágio o Espaço Sagrado ganha maior valorização religiosa, devido a vida sedentária. O simbolismo cosmológico do Imago Mundi é refletido na sua aldeia, campos e posteriormente templos. A instalação num território equivale assumir a criação do mundo seguindo o modelo da obra dos deuses (cosmogonia), se tornando copartícipe: 1) A cosmologia das cidades e aldeias refletem o Axis Mundi e refletem o simbolismo do Centro do Mundo, projetando em quatro direções; 2) Mas imitar a obra dos deuses também pode ser trágico; repetindo mediante um ritual de sacrifício sangrento.

#### SACRALIDADE DA BARBÁRIE SUPERIOR

A Idade dos Metais é o período que caracteriza o fim do Neolítico. Divide-se em: Idade do Cobre (3.300 - 1.200 a.C); Idade do Bronze (3.300 - 700 a.C.); e a Idade do Ferro (1.200 a.C. - 1.000). O estágio da Barbárie Superior inicia-se com a fundição do minério de ferro. Os Hititas foram os primeiros a controlar e os produtos de ferro. O ferro é o quarto elemento mais abundante porém, o seu uso prático começou mais tarde que o do cobre e bronze. Quando os hititas desapareceram e os seus artesãos se dispersaram, a produção deste metal espalhou-se, exceto o Novo Mundo.

Com a metalurgia, surge a sacralidade telúrica, na qual os metais “crescem” no interior da terra, respeitando ciclos e ritmos próprios do submundo. Na mitologia Hera gera Hefestos. O ferro tornou possível a agricultura em grande escala e a preparação de grandes áreas de florestas; deu aos artesãos um instrumento cujo fio jamais haviam podido ter com uma pedra ou cobre e bronze.

### O ÆON DE OSÍRIS – CIVILIZAÇÃO ARCAICA

O Æon de Osíris traz força Masculina para o foco no Deus Solar. A mudança de consciência deste Æon foca sobre a autoridade do Pai-Criador sobre a crescente sociedade. A fórmula Osiriana do Deus Moribundo funciona como uma ponta entre a realidade agrária de plantar e colher, e a realidade das grandes civilizações. Duquete escreve em “A Magia de Aleister Crowley” quando se tornou universalmente conhecido que sem o Sol a Terra pereceria, e que sem o sêmen do homem a mulher permaneceria estéril, um grande pêndulo de consciência racial e atitude deu uma guinada radical. A fórmula de Isis foi alterada: a mulher traz a vida, mas a vida vem do Sol. Deus agora era Pai.

Segundo Morgan, esse estágio inicia-se com o aparecimento da escrita e perdura até os nossos dias. A mudança para Civilização, segundo Engels, se deu devido a riqueza. Na divisão do trabalho da família sindiásmica cabe ao homem cuidar do gado e dos escravos. Com desenvolvimento da produção agropecuária, surge uma fonte de riqueza até então desconhecidas. A agricultura transformou aldeias em cidades. A pressão populacional impulsionou a migração e conquistas territoriais, o que fez emergir as guerras e líderes dos homens. A autoridade e poder dos homens só aumentava.

Nas sociedades tribais com estratificação social sob a liderança de uma chefatura, a medida que as riquezas aumentam, confere aos homens uma posição mais importante do que da mulher. Mas, segundo o direito materno, seus filhos não podiam herdar essas riquezas e status. A consciência osiriana e o desenvolvimento econômico faz surgir uma nova forma familiar. A família patrilinear: o direito hereditário e filiação são do pai; e a propriedade não pertence mais ao clã, mas a propriedade privada do patriarca.

Como vimos nas sociedades primitivas e arcaicas, a vida sexual também é ritualizada conforme a Cosmogonia. Assim, mudança para família patriarcal foi valorizada como um modelo divino da Hierogamia Cósmica da Civilização. Em decorrência, surge o casamento monogâmico, a forma típica da família na Civilização. Foi a primeira forma de família que não se baseava em condições econômicas. Mas ainda parte do modelo cósmico.

A evolução da família consiste numa série de restrições sexuais. Essas proibições são atribuídas à mulher; apenas a monogamia pode ser atribuída ao homem. Devido a natureza da monogamia ser baseada na supremacia do homem, exclui tal possibilidade de amor mútuo dos cônjuges. Marx escreve que essa foi a primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos.

Para Engels, a monogamia não é a forma mais elevada de matrimônio. O amor sexual só surge no amor cavalheiresco da Idade Média. O amor sexual só pode existir entre as classes oprimidas, pois não existem causas para supremacia do homem (exceto a violência doméstica). Não há fortuna para herança. E na revolução industrial, a inserção da mulher no mercado de trabalho, convertendo-a em sustentáculo da casa além do homem.

### SACRALIDADE DA CIVILIZAÇÃO ARCAICA

Diferente dos Aëons anteriores, a hierofonia do Sol foi marcante para este estágio. Em algumas religiões, o Deus-Céus e os Heróis Míticos se tornam um Deuses Solares. A hierofania cósmica do Sol, ao contrário do devir lunar, permanece imutável, sua forma é a mesma. Sua hierofania traduz valores de imutabilidade, soberania e racionalização. Os valores de morte e trevas mudam. E com isso todos os valores sociais. As trevas lunares não são mais necessárias na Vida Cósmica. E se tornam antagonistas do modelo de divindade solar.

O Espaço Sagrado da cidade é transferido ao templo que não é somente uma Imago Mundi, mas um modelo de transcendência da própria morada dos deuses ou reproduz o paraíso celeste. O Tempo Sagrado ainda respeita os festivais e outras datas especiais.

### SACRALIDADE TEMPORAL JUDAICO-CRISTÃ

Os Deuses Uranianos que se afastaram em outras sociedades, mas conserva sua preponderância entre os povos pastores e ganha status únicos nas religiões monoteístas. Para o Judaísmo e o Cristianismo o Tempo Sagrado Cíclico é ultrapassado. Jeová não se manifesta no Tempo Mítico, mas no Tempo histórico. Mas a medida que a modernidade avança o Tempo Histórico Sagrado perde força nas sociedades urbanizadas. Em regiões rurais, o cristianismo popular ainda mantém a vida cósmica dos deuses através dos santos.

### O AËON DE OSÍRIS - CIVILIZAÇÃO MODERNA

Nesse sistema, o Aëon de Hórus começou em 1904 com a escrita do Liber AL vel Legis. A fórmula é da Criança Coroada e Conquistadora, o Príncipe que ascende ao trono após a morte (transformação) do Rei, seu pai. Duquete escreve: “A Fórmula da Criança Coroada e Conquistadora: assim como a criança é o produto físico genético de seus dois pais, o Aëon de Hórus reconcilia e transcende a fórmula das duas eras que o antecederam”.

Neste período ocorre o fenômeno da Dessacralização do Cosmos um processo de esvaziamento do teor religioso da vida. Através do esvaziamento do sagrado, remove-se o significado transcendente de determinado objeto natural, como: Vida Sexual, Tempo e Espaço. Diferente de algo profano ou comum, a dessacralização torna as coisas sem sentido além da sua utilidade ou prática.

No entanto, ainda dessacralizada, a maioria ainda segue inconscientemente um modelo cósmico por aderência cultural, por exemplo, a comemoração do Ano Novo. Neste Tempo Sagrado, o Ano Novo marca o recomeço do Cosmos, não pela hierofania da natureza, mas pela utilidade comercial.

O Espaço e a Família ainda são importantes para sociedade, mas na medida que o indivíduo cria sua mitologia pessoal dá essa importância. Assim, novas configurações familiares e sexuais surgem a cada dia, apesar dos esforços em estabelecer um padrão. Mas em uma sociedade dessacralizada, ninguém pode estabelecer um Cosmos senão o indivíduo.

# EXERCÍCIOS E PRÁTICAS BÁSICAS DE RITUALÍSTICA DA DEMONOLATRIA THELÊMICA

(Este trabalho é continuação prática da teoria apresentada no Volume 11 da Revista 777, com o título “Demonolatria Thelêmica”)

## **Criação mental detalhada com expressão de luz, textura, relevo, profundidade, movimento e som**

O processo de construção mental tem a necessidade de conscientemente resgatar em nosso inconsciente a crença de que, o que é produzido de forma mental é tão tangível quanto uma panela sobre o fogão em sua cozinha. Muito provavelmente, mencionar a panela sobre o fogão em sua cozinha já os traz a sensação e a imagem de uma panela específica que existe, e que reforça a existência da panela física, afinal de contas você conhece a panela, o fogão e a cozinha.

Nos trabalhos magickos, independentemente da quantidade de objetos físicos que existem ao seu redor, é fundamental crer no objeto que está ali de olhos fechados, afinal de contas, de olhos fechados olhamos para dentro de nós, que é onde tudo acontece, onde a fórmula do VITRIOL (Visita Interiora Terrae, Rectificando, Invenies Occultum Lapidem”, que quer dizer: Visita o Centro da Terra, Retificando-te, encontrarás a Pedra Oculta [ou Filosofal]) se revela, lá a vela antes comprada em uma loja de artigos religiosos se torna a fonte luminosa para a sua gnose, e o incenso antes comprado em uma banca de jornal se torna o aroma que atrai demônios para suas armadilhas em triângulos, que por sua vez, antes desenhado com giz comum.

O ato de fechar os olhos e observar a realidade magicka por trás de cada objeto é o que nos inclina a crer que não há necessidade maior de objetos que sua mente propriamente pode criar. Frieda Harris através das instruções de Aleister Crowley retratou essa verdade através de seu arcano maior no Tarot de Thoth, O Magus, em que retrata O Magus flutuando junto com seus instrumentos magickos que possuem sua mesma cor, exemplificando que os instrumentos magickos são feitos da mesma matéria que O Magus. onde levamos em consideração o primeiro princípio hermético que é o Mentalismo, tudo é mental, tanto O Magus quanto suas ferramentas, ato também confirmado através da análise da carta do Mágico no Tarot de Marselha, onde a mesa de trabalho do Pelotiqueiro é da mesma cor de sua carne e uma de suas pernas é a perna da própria mesa, mostrando que as ferramentas são trabalhadas no próprio magista, não fora dele.

A criação mental deve passar por alguns estágios descritos pela Ashtanga Yoga e também mencionados no Liber ABA de Aleister Crowley que são a princípio, o Pratyahara, o

Dharana e o Dhyana, que comentarei a seguir.

De todas as atividades descritas pela Ashtanga Yoga (Oito Passos da Yoga) as que mencionei são as últimas descritas no primeiro capítulo do Liber ABA a serem trabalhadas e são de fato as faculdades trabalhadas somente através do campo mental. Isso pressupõe que o adepto já detenha controle sobre seu corpo através de compreensão de suas sensações físicas, do controle muscular, respiratório e da capacidade de restringir movimentos que também passa por aprender a lidar com objetos externos ao corpo.

Pratyahara pode ser descrita como introspecção, uma forma de analisar tudo o que há na mente e também um ato de observar a possível capacidade de seu organismo mental. A princípio nos vem a ideia de que é somente parar e deixar a mente fluir, porém, muito longe deste aspecto passivo, a observação mental através do Pratyahara se dá de forma ativa, presente em cada objeto que passa por nossas vistas (de olhos fechados), é observar atentamente, porém somente observar, ao invés de restringir os pensamentos, observar para compreender o funcionamento natural, e o natural e orgânico, cíclico. Porém o Pratyahara tem por resultado do processo, a obtenção de uma dominação deste ciclo por conhecimento de seu movimento a fim de restringi-lo se necessário.

Dharana, é um passo muito importante e decisivo na prática da criação mental, é o ato de focar a mente em um objeto ou pensamento sem ter outros meios que o tirem desta função, e quando se propuser ao Dharana, notará a dificuldade que há em focar em um objeto simples sem que surjam outros pensamentos ao redor para te tirar do eixo. No caso da criação mental, o passo do Dharana focará em um objeto qualquer, uma esfera, um cubo ou uma planta, seu intuito é dominar o foco na criação deste objeto e na manutenção deste foco dentro de seu tempo determinado. Esta prática é completamente tediosa e guarda em sua possível ansiedade um ponto de ruptura que o levará diretamente a capacidade de manipular vividamente o objeto, pois seu passo a passo diz respeito a uma primeira construção simples, que inicia com a forma, depois tendo luz incidida e naturalmente gerando sombra, o que também o levará a observar textura e relevo e quanto mais específico cada detalhe, mais Dharana o levará a uma firme criação mental.

Dhyana é o método seguinte para uma construção mental com atributos necessários para a manifestação de sua intenção. É um degrau atingido a partir da observação conquistada através do Pratyahara e da concentração criativa do Dharana, onde as construções mentais deixam de ser somente os objetos criados, mas na verdade a essência por trás do objeto, portanto, é neste processo que manifestamos de nossas criações aquilo que de fato elas se tratam, não mais um círculo, mas a potência do Eu no Todo, nem mais uma baqueta, mas sim a extensão da Vontade do operador sobre tudo que ela toca.

### **Construção de ambiente propício ao clima do ritual mental**

O inconsciente onde reside toda a essência da intenção do operador é influencia-

da diretamente por cada símbolo conscientemente e inconscientemente manipulado. A criação de um ambiente mental propício e levado em consideração como símbolo pertencente ao ritual é fundamental.

No trabalho com daemons, dentro de sua máxima, fazemos contato com uma parte expressa de nós que depende de um processo de conhecimento profundo daquilo que incita aquele lado manifesto em nós, isso passa por tudo aquilo que é sombra em nós, oculto da luz da consciência e que esbarra em nossos instintos animais, ou como diria a cabala, em Nephesh.

Sendo assim o daemon uma viva sombra de nós e em nós, sua potência depende de ambientes escuros, frios, e que dentro de um inconsciente coletivo, aborda diretamente o medo e o desconhecido.

Um dos caminhos para a iniciação dentro de diversos psicodramas realizados em ordens iniciáticas cabalísticas à fora, é o medo, correspondente ao caminho de Coph, muitas vezes infantilmente chamado de “o caminho da bruxa”. Tanto sobre “a bruxa”, quanto sobre “a iniciação”, o medo é fundamental em relação ao desconhecimento que permeia a prática da demonolatria, onde manifestamos partes ainda desconhecidas de nós na intenção de quanto mais conhecermos, mais nos observamos inteiros, e quanto mais inteiros, mais próximo de realizar nossas Verdadeiras Vontades.

“Deixai aquele estado de multiplicidade limitado e repugnante. Então com teu todo; tu não tens direito senão fazer a tua vontade.” (AL I:42)

A bruxa mal compreendida foi demonizada pelos movimentos religiosos hegemônicos na intenção de limitar toda liberdade que sua figura representa. Atentem ao potencial libertário por trás das figuras do medo.

Pois com base nestas observações naturais do comportamento humano em relação aos pontos de ruptura que os libertarão, crie em você, mentalmente um ambiente vívido ao medo, pense na temperatura que deixa seu corpo contraído, limitado e sensível, pense também na textura que dará base a seus passos e tato num geral, lembre-se de suas experiências quanto a ojeriza e asco. Ao pensar que haverá deslocamento local, pense no escuro que te acompanhará e que fará seus passos serem medidos e cautelosos que também desafiarão sua ousadia. Estando só na escuridão em busca do encontro com esta sombra, lembre-se dos sons que te circundam na solidão aparente, os ecos, o som do vazio, os sons do medo. Quando estiver prestes a encontrar sua sombra, lembre-se de ambientar sua presença, da forma que mexe diretamente com sua psique, pois para muitos, o som é o que assusta, para outros o silêncio e permita que o movimento da presença que compartilha o espaço contigo emita sons se necessário. Todo este processo de construção mental é um resultado equilibrado entre criar conscientemente e permitir a criação inconsciente, por isso no item anterior é mencionado alguns dos 8 membros da

yoga que colaboram com todo o processo magicko presente na maior parte dos sistemas de magia ocidental.

### **Sensações físicas e astrais em projeção detalhada**

Um processo mental depende de um físico já bem trabalhado, portanto, inicie sentindo as reações do corpo ao ingressar no ritual. Antes mesmo de fechar os olhos em meditação ou observar fixamente um sigilo específico, observe o ambiente ao seu redor, um ritual se inicia no princípio hermético da vibração que precede a necessidade manifesta em ideia.

Sentindo o ambiente, percebendo imanência do intento a ser manifesto, feche os olhos em silêncio, ouça o ambiente, se disponha a cada estalo, estrondo ou som externo qualquer, mesmo que seja o som da televisão de um vizinho ou uma motocicleta passando nas proximidades. O ritual há muito começara, e os sinais já tem possibilidade de estar contigo. Enquanto escuta seu derredor, observe de olhos fechados as figuras que se manifestam sob suas pálpebras, aproveite a claridade ou escuridão para notar estas imagens, costumam se formar de baixo pra cima, do centro para as extremidades (claro que não há regra, mas dentro de minha experiência, esse padrão é fato em minha prática). Enquanto as imagens se manifestam, perceba o movimento destas criações e alinhe as sensações físicas com seu ritmo, de baixo pra cima, dos pés à cabeça, fazendo um escaneamento completo de seu corpo. Como estão seus pés? Sente o chão? O que diz o chão? Suba a atenção pelo corpo, observando enquanto segue fazendo estes e outros questionamentos capazes de introduzir um clímax propício ao ritual. Sem pressa e percebendo o corpo por completo, fixe-se na escuridão dos olhos fechados e mergulhe sua atenção no breu, sinta em seu corpo como utilizá-lo para adentrar nesta escuridão, que te levará até o momento fundamental para a sensação astral, que somente por sentir o breu ao seu redor já te entrega sensações astrais para além do corpo.

Sentindo a escuridão e a solidão do negrume, refira-se a temperatura ao seu redor, sinta o impacto do calor de dentro pra fora com o frio de fora para dentro, observe os pontos de vibração de seu corpo, sinta em seu corpo astral quais partes de seu corpo clamam voz, sinta as partes que se conectam com o ritual, reconheça os chakras, circuitos de consciência ativos, ou quaisquer estruturas de conhecimento prévio para o mapeamento de seu espírito e análise. Atente para cada sensação, a temperatura, a umidade, os sentimentos e imagens mentais formadas na mente de seu corpo astral.

Elimine qualquer sensação física, esqueça o corpo, sinta o espírito, sinta algo que está mais perto do seu Eu que seu corpo físico.

### **Criação e ativação de ritual mental detalhado para a invocação daemonica**

Este passo em direção a manifestação de seu intento passará diretamente pelo encontro com o daemon necessário para alinhar os aspectos de sua necessidade, porém,

deve-se perceber que o daemon tanto uma ferramenta do ritual quanto um objetivo no mesmo.

Se sua intenção é tão somente o contato com o daemon a nível de conhecimento de suas habilidades, ele se torna o objetivo e quanto esta situação acontece, é imprescindível que o operador prepare o ritual como uma cerimônia de boas-vindas ou como uma armadilha para sua captura. Pensar o ambiente propício para a invocação é fundamental, pense no arquétipo do ser que evocará e como ele se comportaria no local e questione coisas simples como, “se ele tem asas, seria apropriado um lugar alto e aberto?”, “se ele se manifesta como um humano caçador de um período colonial ele precisa de uma floresta?”, “se é uma mulher voluptuosa, uma corte digna de sua postura será benéfico para o sucesso?”, porém, há uma pergunta que jamais deve fugir de seu olhar, “COMO EU ME SINTO EM RELAÇÃO A ESTE AMBIENTE COM A PRESENÇA DESTE DAEMON?”. É de extrema prudência para o autocuidado do operador que ele sempre se questione como o ambiente interferirá em sua condução, o que não significa que todo ambiente deva ser confortável, pois como dito anteriormente, o medo também é ferramenta para a excitação de sua psique.

Seguindo na organização do ritual deve-se pensar nas associações simbólicas, elementares e magickas num geral sobre o daemon a evocar. Pensando em um ritual como um psicodrama de condução a um estado de consciência apto a manipular tais forças, muitos símbolos devem ser auxiliares dentro de sua observação, como quando se quer fazer um ritual para um daemon lhe ajudar com resoluções de assuntos do passado e em associação a ele, usamos um símbolo ligado a Saturno, seja seu símbolo astrológico ou até mesmo seu espírito, porém fica também a critério do operador que percebe o ritual como um psicodrama se ele colocará também símbolos auxiliares que não estejam conectados ao ritual, mas ao clima mantenedor do estado de gnose.

Um ritual deve ter tudo aquilo que for útil para a concentração da intenção do operador junto a imagem de realização, que como também mencionado, pode ser tanto a execução de algo através da figura daemonica quanto da própria manifestação do ser. No Grimório do Papa Honório surge a ideia bem estabelecida do círculo magicko, que posteriormente se tornou algo enraizado na magia ocidental, e dentro da perspectiva seja de Papa Honório quando de Aleister Crowley, é que o círculo magicko exalta uma grandeza de suporte do operador que manifesta de algo acima dele quanto dentro dele para fora, portanto, pensando em inúmeros símbolos utilizados por diversas culturas que nos antecederam, o círculo fala tanto de controle quanto proteção. As demais armas magickas vão depender muito de seu arcabouço cultural, para muitos a adaga é fundamental, para outros a espada, e certa vez conheci um magista que no lugar da espada alternava a utilização de um ábaco e uma gramática da língua portuguesa em substituição à espada por exemplo, assim como também certa vez um outro com quem conversei tinha uma pequena enxada em seu altar em substituição ao pantáculo e um amigo próximo que quando faz rituais com sua parceira, abre mão da utilização da lança

e do cálice, onde cada um se põe como arma/ferramenta magicka de acordo com o que acredita expressar de si.

Tudo dependerá daquela pergunta fundamental anteriormente mencionada, “como reajo a esta ferramenta (e/ou símbolo)? como esta ferramenta reage a mim?”, perguntas que podem ser feitas previamente a execução prática do ritual ou mesmo no momento, deixando que o ritual flua por seus poros e deixando também se levar pela surpresa das figuras que preencherão os espaços vagos “entregues no altar dos acontecimentos”.

### **Administração das sensações físicas de manifestação do daemon invocado.**

Ao adentrar a Câmara dos Infinitos Acontecimentos, como chamaremos o local em que nos direcionamos para a realização destes rituais mentais, devemos lembrar que não é sobre adormecer o corpo para dar lugar a mente, e nem utilizar o corpo como uma máquina sem operador. O corpo é uma das representações mais tangíveis do elemento Terra em um ritual, não há nada mais “Malkut” em um ritual completamente mental que o corpo do operador, que o permite através da máquina cerebral manipular seu organismo a fim de alcançar certos fluxos neurais, respirações específicas e vascularizações necessárias para abrir as portas da Câmara. Assim como quando vemos uma imagem de um acidente de trabalho em que um prego perfura a mão de um operário e em muitos que a observam há angústia física sobre o acontecimento, devemos sempre recordar ao nosso corpo a possibilidade de sentir também através de imagens mentais, como quando pensamos em quem amamos e o coração logo acelera, ou quando lembramos do alimento preparado por alguém por quem nutrimos sentimentos e nos vem uma fome calorosa ou um sentimento de saciedade confortável.

Observe cada símbolo ao desenvolver e permitir o desenvolvimento destas criações mentais que farão parte de sua operação magicka, sinta na mão de seu corpo astral cada ferramenta que depositar no local correto, você vibra, tudo o que você faz emana vibração, a ferramenta por sua vez vibrará e antes mesmo de tomar forma, sua vibração já dizia sobre a necessidade dela em seu trabalho magicko, assim como o momento de traçar o círculo ao seu redor que em respeito ao psicodrama fica a recomendação de visualizar a si traçando o símbolo, nada de materializá-lo, a menos que queira, mas é importante se por presente em todos os acontecimentos e realizações, quando mais parte de algo você faz, mais próximo você se permite estar de toda a manifestação de sua intenção, e na situação em que seu ritual mental é o acontecimento que encurtará a distância entre sua intenção e a realização da mesma, participar da construção deste ritual por inteiro te colocar num movimento de ação em direção a plena expressão do Eu que é irrefreável.

Faze isso, e nenhum outro deverá dizer não. (AL I:43)

Pois vontade pura, desembaraçada de propósito, livre da ânsia de resultado, é toda via perfeita. (AL I: 44)

Carregamos em nossa memória existencial a expressão espiritual e a expressão animal que sempre foram distanciadas pela perspectiva do homem ocidental que sempre procurou se observar de fora da natureza acreditando que isso o faria superior a ela e assim com mais possibilidades de domínio de todas criaturas que ocupam o planeta e com isso perdendo o verdadeiro controle de si, e perdendo tanto a capacidade de observar a dualidade de si que deveria ser uma e a unidade sintética que desenvolveu para se observar íntegro de suas certezas. Esse fator é fundamentalmente levado em consideração quando fazemos um ritual, em que criamos e investigamos as formas de excitar tanto nosso espírito quanto nosso corpo a fim de através da magia sexual existente neste ato fazê-los único corpo para a manifestação de nossa intenção. É fundamental lembrar que a realização de nossas intenções em um rito é a prole da cópula entre nosso corpo e espírito na Câmara dos Infinitos Acontecimentos.

### **Criação de ritual daemônico completo com elementos imagéticos, ambiente, sensações físicas e percepções energéticas com Invocação**

Domínio da linguagem do ritual é fundamental para a criação eficaz de seus símbolos a manifestar o enredo de seu intento. Pense no ritual como uma peça de teatro, em que o daemon que deseja invocar é a história que guia a peça, seu intento por sua vez, é a mensagem que a história deseja passar. Existe um palco adaptado diretamente a história que será contada, nela existem móveis para que os personagens interajam, esses “móveis” são como os detalhes adicionados ao ambiente de seu ritual, como um céu aberto para daemon voadores, ou pântanos e piscinas para daemons aquáticos. A história necessita de atores para ser viva, cada ator expressa exatamente seu papel fundamental na história, um ator por mais que

apareça somente uma única vez no palco tem sua importância, tem a motivação do diretor por trás do espetáculo, e esse diretor é você.

Compreendendo como é a base de um ritual e a importância de tudo o que o permeia, devemos compreender a complexidade de iniciar um ritual sem terminá-lo, porque por mais que você seja o operador e o construtor de toda essa realidade executiva, não significa que as camadas de si que você irá revirar para fazer emergir o daemon não vá te causar, é importante compreender que tudo tem um fluxo, e este fluxo mental em que você se encontrará para a evocação é um fluxo intenso que mexerá com as estruturas de seus paradigmas, pois trabalhamos aqui com as motivações reais que te levam a alterar uma realidade inteira para conquistar algo, portanto, “o show deve continuar”, devemos compreender a necessidade de seguir movimento após movimento, pois é também como em uma cirurgia, o corpo é aberto, e depois fechado.

Antes de executar o ritual, ponha-se em meditação por alguns instantes, nem mais nem menos que o suficiente, você saberá quando estiver pronto. Esta meditação é importante, te levará a compreender dentro de si o Momento, o derradeiro instante em que “as luzes da plateia se apagam, todos ficam em silêncio e as cortinas se abrem”.

Aprofunde-se na solidão da escuridão abaixo de suas pálpebras, deixe o universo ao

seu redor vazio o suficiente para que você possa ocupá-lo com seu templo/ambiente apto, construa todas as proporções necessárias para envolvê-lo no processo, processe os estímulos de sua respiração e desenvolva um ritmo, sinta o coração em relação ao ritmo da respiração e tome a vibração de ambos como o tambor que guiará sua cerimônia, deixe-se fluir por este ritmo até que se sinta embalado “pela música”. O momento de seguir também será ditado por você, é um sentimento que vem de dentro que te direciona aos próximos passos, o ambiente estará fixado quando sentir que é a hora de seguir, o chão terá seu relevo específico, as paredes, o teto, a luz estará como você observa que será a melhor forma. O próximo momento fala sobre a organização do espaço, observando onde será traçado o círculo se necessário, acenda as velas que precisar e incremente com tudo aquilo que servir como ator para expressar a direção do diretor para contar a história de forma mais objetiva e chocante.

O choque é o que buscamos, não é sobre ser bonito, é sobre ser de fato eficaz, um ritual é um movimento preciso de uma faca que perfura a carne e toca a medula, portanto se esforce para se investigar, você deve expor suas entranhas frente a seus olhos, para saber o que mexe com você. Posicione os objetos “atores” de forma que eles se comuniquem com o mais íntimo e profundo do seu Eu, esteja atento às sensações físicas e deixe que elas conversem com seu inconsciente e você verá que cada sensação presente neste ritual é um chamamento perfeito e profundo para trazer à tona o daemon que deseja evocar.

A natureza precisa de movimento impactante para ser modificada, busque o choque, se conheça nas entranhas e você será a síntese dos 4 elementos expressos sobre a materialidade.

- Referências:

- Crowley, Aleister (ed.) “Sepher Sephiroth” na cabala de Aleister Crowley: Três textos. Nova York: Samuel Weiser.
- Crowley, Aleister. (1991). O Equinócio dos Deuses. (Edição fac-símile corrigida.) Nova York: OTO / 93 Publishing.
- Keith, Mike. (25 de setembro de 2004). “O número da besta.” O mundo dos números de Mike Keith
- Westcott, W. Wynn. (1993). O número 666. Oxford, Inglaterra: Mandrake Press.
- Crowley, Aleister; Desti, Mary; Waddell, Leilac (1 January 1998). Hymenaeus Beta (ed.). Magick. Red Wheel/Weiser.
- Crowley, Aleister. “Liber AL vel Legis” (1987). Wiser Books. • Projeto Daemons (2020)

**Victor Vieira**



“Jeliane Souza (@lualis.art)”

# A LUZ É SÓ UMA: PLOTINO E A VERDADEIRA VONTADE

Por Nihil

*“Pois as cores são muitas, mas a luz é só uma.”*

*(Liber LXV)*

*“Pois vontade pura, desembaraçada de propósito, livre da ânsia de resultado, é toda via perfeita.”*

*(AL I:44)*

*“Pois produzir (criar) é fazer uma forma existir - isto é, preencher todas as coisas com contemplação.”*

*(Plotino. Eneada III:8)*

Neste texto irei propor uma reflexão sobre a noção de Verdadeira Vontade para além da obra de Aleister Crowley e de outros thelemitas contemporâneos, procurando fazê-la a partir dos ensinamentos do filósofo neoplatônico Plotino. A reflexão, longe de ser impessoal, traduz um elemento importantíssimo na minha própria jornada dentro de Thelema, que procura, acima de tudo, dialogar o meu entendimento do Liber AL com filosofias e pensamentos de outros tempos, com paradigmas culturais completamente diferentes dos nossos. Em fato, considero que Thelema transcende em muito a obra do Mestre Therion, podendo ser percebida, através de diversos prismas diferentes, através de inúmeros sistemas filosóficos, místicos e espirituais. Desta maneira, em minha caminhada pessoal, Plotino se transformou em uma referência importante, um catalisador na minha compreensão de mundo, principalmente na relação existente entre a via contemplativa (espiritual) e a via da práxis (estar no mundo). Relação esta importantíssima, a meu ver, para o desenvolvimento da noção de Verdadeira Vontade, entendida principalmente enquanto manifestação do potencial divino-criativo do indivíduo no cosmos à sua volta. Entendo a Verdadeira Vontade portanto, a partir de Plotino e Mestre Therion, como o engajamento contemplativo do ente no mundo - a transformação incandescente da vida no mais sublime sacramento, ou, na linguagem neoplatônica, no mais perfeito ato de Theurgia.

Para tanto, também deixarei subentendido neste texto a importância da noção de “transcendência na imanência”, a meu ver tão cara à obra do Mestre Therion, e um elemento fundamental da filosofia neoplatônica, escola da qual Plotino foi um dos mais ilustres representantes. Em um tempo caracterizado pela dessacralização excessiva da jornada da vida, considero o diálogo com a tradição sacra dos antigos um elemento importante para um remodelar da nossa autopercepção enquanto sujeitos no cosmos e, portanto, participantes do drama sagrado universal. Para tanto, necessito iniciar este

texto com uma breve explicação do sentido de “filosofia” para os antigos, de modo que possamos desconstruir os nossos pré-conceitos em relação a este termo e às práticas a ele vinculadas.

A filosofia antiga, diferente do que entendemos hoje por “filosofia” (isto é, um conjunto de explicações ou saber teórico sobre o mundo), era, para os gregos, um modo de vida uma nova maneira de experimentar o mundo e de interagir os múltiplos elementos da existência. Aderir a um movimento filosófico era exemplificado pelo termo “conversão/retorno” no sentido não de uma aderência a um sistema de crenças ou grupo, mas de mudança radical na própria estrutura da vida, transmutação da personalidade, renascimento. Para Platão, Pitágoras e os filósofos da Era Imperial a filosofia era a verdadeira “iniciação”, o descortinar dos mistérios, a transformação completa e total da vida do indivíduo. Para os neoplatônicos, em especial, a conversão filosófica era a conversão (retorno) à unidade divina, existente (mas esquecida) na psique humana. Como Ulisses, o filósofo era um amante de Atena (a Sabedoria), em sua eterna busca marítima pelo retorno à sua própria casa, ao âmago essencial de seu ser.

Dentre os inúmeros termos empregados pelos filósofos para se referir aos diversos elementos e práticas da vida filosófica, encontramos referência à dialética, à terapia da alma (psiquê), à teurgia (práticas rituais dedicadas a ampliar a unicidade com o divino), (prosoché, exercício da atenção), assim como inúmeras práticas ascéticas e exercícios filosóficos-espirituais. O mais importante deles, no entanto, entendido no platonismo não como uma prática, mas como a consecução de todas elas, é a “Theoría” termo grego que se aproxima de “visão”, mas que é traduzido para o latim e, conseqüentemente para o português, como “contemplação”. A theoría (contemplação) do primeiro princípio de toda a realidade é a experiência máxima da vida filosófica neoplatônica, considerada um caminhar em direção à níveis cada vez mais intensos de contemplação. A contemplação é supra-racional, transcendendo os limites da linguagem, da razão discursiva, da individualidade. É uma experiência numinosa, que só pode ser compreendida justamente por aquele que contempla. É uma dádiva, segundo Plotino, do Deus Eros, e a consecução de décadas de treinamento filosófico-espiritual.

Esta visão/contemplação que caracteriza a experiência máxima da filosofia neoplatônica não pode ser entendida como uma visão literal, o presenciar de alguma imagem ou objeto de concentração. Ela é a transcendência de todo objeto, assim como a aniquilação de qualquer sujeito no ato de contemplar. Um professor de neoplatonismo que tive comentou uma vez conosco que só pôde ter um entendimento do que seria a contemplação neoplatônica dez anos depois da conclusão de seu doutorado sobre o assunto – isto é, cerca de vinte anos depois de iniciar seu aprofundamento/estudo no tema. A theoría é divina e filosófica, sendo, segundo Platão, o modo de vida/existência dos Deuses, assim como das partes mais elevadas da alma humana. Em níveis mais profundos, todos nós já estamos em contemplação, unidos e aniquilados no princípio primeiro, basta apenas tomarmos consciência desse processo que se dá no atempo -

(aíon/eternidade). O processo então envolve uma transformação gradual da atenção que, antes focalizada meramente nos objetos da sensação (os cinco sentidos), através da vida filosófica pode abstrair dos sentidos e dos objetos das representações mentais para mergulhar em contemplação profunda. No linguajar platônico, o filósofo assim assemelha-se a Deus, pois participa da forma (essência) da sua divindade, que é experienciar o mundo em contemplação (theoría).

Durante toda a história da filosofia, no entanto, houve uma oposição entre a noção de teoría (contemplação) e práxis (ação). A vida contemplativa do filósofo se distanciava da vida prática do artesão, do guerreiro e do artista. O repouso contemplativo se opõe à atividade criativa no mundo. É em Plotino, no entanto, que essa dualidade será desfeita, e estes conceitos encontrarão sua expressão máxima: pois para o filósofo greco-egípcio, teoría e práxis são as duas faces de um mesmo processo – são, em muitos casos, quase sinônimos. Plotino entendia que o ato de contemplação realizado pelos Deuses (ou, mais especificamente, pelo Nôus, a essência de todas as divindades) criou, automaticamente, o nosso mundo, a totalidade do real. O mundo é, portanto, uma criação contemplativa. Ao contemplar a beleza do Uno, o Demiurgo criou, sem motivo aparente, o mundo, apenas para gozar do ato de sua contemplação. O cosmos é uma oferenda do Demiurgo e dos Deuses ao Uno.

Práxis e Theoría são, para Plotino, os dois lados de uma mesma moeda. Nossa ação criativa no mundo é uma contemplação da parte mais profunda de nossa alma; e nosso contemplar implica sempre em uma ação (criação) em nossa existência. Por este motivo, os grandes contempladores são aqueles que, como demiurgos, produziram grandes obras para o mundo – obras de arte, grandes sistemas espirituais e filosóficos, entre outros. Do mesmo modo, a ação criativa do artesão, do escultor, do tecelão, do guerreiro, do amante, são obras de contemplação. Elas evidenciam e externalizam a contemplação interna que já jaz em nosso âmago. Nossa ação no mundo expressa a nossa contemplação mais íntima. Não há cisão entre o mundo do espírito (noético, contemplativo) e o mundo da criação material (práxis). Ambos são partes de um todo contínuo – interno e externo se expressam como manifestações de um mesmo real. Tudo é teoría, tudo é contemplação. Em nós, seres humanos, nossas maiores ações contemplativas são aquelas, no entanto, que fazemos pelo próprio ato de fazer – desembaraçadas de sentido, livres de ânsia de resultado, são ações que contêm em si a própria finalidade do fazer. O verdadeiro artista que cria não para vender, tendo por finalidade o lucro da venda, mas sim o próprio ato de criar, o faz de modo contemplativo. A obra criativa de sua vida é o resultado material de sua contemplação mais interna, assim como esse mundo – com todos os seus componentes – são frutos da ação contemplativa do Demiurgo Universal.

O pensamento plotiniano evidencia a sacralidade demiúrgica da vida. Não cinge a contemplação e a práxis em dois hemisférios separados, mas percebe-os como fundamentos de um mesmo existir. As ações dos deuses no mundo são suas contemplações; assim também as nossas. Nossas vidas, fragmentadas no tempo e vividas um momento

de cada vez, com todas as suas cores e jogos de luz e sombra, são nossas oferendas particulares ao Deus que habita em nós (e que nós habitamos). Cabe a nós percebermos a particularidade do nosso agir no mundo, aquilo que Eros nos convida a realizar, a obrar, desinteressadamente, renunciando aos frutos, mas simplesmente pelo gozo de realizar e ceder uma oferenda à divindade. Assim como a obra de arte contém sua finalidade em si mesma, em seu próprio ato de ser, que assim também a nossa vida possa ser um fim em si mesmo, uma dança contemplativa aos deuses – o manifestar da Verdadeira Vontade que arde em nossos corações.

Plotino, apesar de genial, está, no entanto, apenas externalizando uma característica natural do pensamento grego e antigo de um modo geral. As tarefas da vida humana são atos contemplativos por excelência; os deuses são contemplados em cada ato de ser. Deste modo, a atividade do artesão é uma contemplação à Atena, assim como as danças militares manifestam a *theoría* da Deusa. O ato de beber vinhos e festejar é a *práxis*-contemplativa de Dioniso, o embriagar no néctar que nasce do bosque de Sua divindade; amar eroticamente alguém é um desejo interno por contemplar Afrodite e Eros; tocar a lira e declamar oráculos é um anseio pela contemplação de Apolo; emigrar no oculto, pelas encruzilhadas do mistério, é a oferenda humana à Hermes, produto da nossa contemplação.

Com a alienação do trabalho pós revolução industrial, tão bem descrita pelos autores marxistas, nós perdemos a capacidade de nos conectar contemplativamente com o nosso potencial criativo no mundo. Os Deuses não abandonaram os bosques – nós que paramos de procurá-los. Que, assim como nos ensina Plotino, possamos viver uma vida contemplativa, em que cada ato de Vontade não seja outra coisa senão um retorno aos Deuses, às essências inomináveis do ser. Que possamos ser cálices para a manifestação da Verdade Vontade no mundo, Demiurgos embriagados com o néctar da nossa criação-contemplação. Que nossa vida seja o nosso grande Ritual Theurgico aos Deuses, nossa própria obra de arte no mundo, o grande ato de amor sob vontade – o beijo do Santo Anjo Guardião.

Bibliografia:

BARACAT, Junior. Plotino, Enéadas I, II e III; Porfírio, Vida de Plotino. Introdução, tradução e notas. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. 2006

BRANDÃO, Bernardo. Ascensão e Virtude em Plotino. Tese de Doutorado em História da Filosofia. UFMG.

\_\_\_\_\_. Mística e Filosofia em Plotino. Tese de Mestrado em História da Filosofia. UFMG.

CROWLEY, Aleister. *Magical and Philosophical Commentaries on The Book of the Law*.

HADOT, Pierre. *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*. Ed. É Realizações. 2014.

REALE, Giovanni. *Renascimento do Platonismo e do Pitagorismo*. Edições Loyola. 2008.

\_\_\_\_\_. *Plotino e Neoplatonismo*. Edições Loyola. 2008.

UZDAVINYS, Algis. *Philosophy as a Rite of Rebirth: From Ancient Egypt to Neoplatonism*. 2008.

# A ARTE NA ARTE

A arte é o meio mais saboroso de experimentar o divino, inebriante até mesmo para quem não ambiciona refinar o paladar, ou mastigar. Há quem leva a boca repetidamente pela diversão odienta em cuspir fora, sem dar conta de que sua sombra fica extasiada, pois experimenta a agitação da sua contrariedade.

Os sábios antigos diziam que se tudo está no seu devido lugar fazendo o que lhe compete, nada é mau. É Seth soprando a barca da eternidade, é do contraste que nasce o entendimento que age como mantenedor do equilíbrio.

Isso explica músicas que podem falar sobre coisas mundanas, mas que foram criadas dando a vibração e harmonia que a palavra precisa para se tornar veículo, para realização do comando dado, reverberando na manifestação. São aqueles chicletes que não saem da mente durante dias, que nos põe a dançar até involuntariamente ou quando estamos “fragilizados”, quando todo mundo não necessariamente dança, mas se mexe de maneira ritmada numa altura da noite no rolê sem nem se dar conta do que está ouvindo, ele só sente e seu corpo responde.

Em contrapartida, há músicas que provocam a elevação, emocionam por sua beleza, por sua tragédia arquetípica e muitas vezes torna mais fácil processos de sofrimento e faz mais alegre os momentos felizes compartilhado entre os seus. Tem por si só um encantamento, palavra esta que remete aos tempos da ritualística cantada, das histórias que atravessam o tempo montadas em melodias. São os bardos responsáveis por propagar no reino a história que seja ao agrado do vencedor, e se tinha sorte era o mesmo bardo que ia na batalha cantando e profetizando vitórias épicas aos seus. Como uma pedra que gera onda quando atirada no lago, provoca movimento que se expande e alcança distâncias maiores do que podemos ver fazer da arte a escolha da pedra de tamanho certo, aplicada a força correta na altura ideal promove mudanças profundas além do que usualmente se alcança em discursos mandatários. A arte gera impacto e põe em movimento a vontade pensada, seja essa vontade sua ou do mundo que te cerca. Faz brilhar os olhos de quem sabe apreciar profundamente cada nuance e põe em transe até mesmo os pouco letrados pelo conforto de ver a ilusão como ela é, sem atribuir preocupações, sentimentalismo, posse. Assim, exercitamos o instinto nato de observador da vida e suas causalidades, neutralizando as preocupações que põem à prova no decorrer da existência: se alguém morrer ali “é de mentirinha”, faz parte, não há porquê lamentar, é tudo uma ilusão, esse papo te parece familiar?

É embebido de arte que podemos experimentar o amor e a tragédia de Dionísio, fazer

arder nosso espírito em seus braços que nos ampara nas desolações, e nos eleva ao pico do Olimpo para experimentar a beleza dos céus.

Beleza essa que nunca é despercebida, aqueles que não erguem os olhos para ver o esplendor de sua coroa, se satisfazem em se embriagar com as garrafas do chão, é o mais próximo que chegam dos lábios do divino, e estes não conhecem o bom vinho.

Dos mais elevados que alcançam os céus até os embebedos inertes, todos sentem a presença de Dionísio festejando na mente dos homens.

93!

**Demian**

# “OS ESCRAVOS SERVIRÃO”, UMA ANALOGIA DE UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL LIMITANTE NO CAMINHO DO GRAU DE PROBACIONISTA

Particularmente não gosto de analisar frases soltas ou isoladas do Livro da Lei para não incorrer à erros viciosos como utilizar o “faça o que tu queres” como faça o que quiser, por exemplo. Mas desde que solicitei minha entrada para o Grau de Estudante da Santa Ordem, uma frase vem ecoando em minha mente e, não de forma isolada, mas diante de certas situações, uma a uma.

Eu fazia parte de uma, vamos dizer assim, “unidade magística” e não vou nomear pois creio que isso possa influenciar o caminho de alguém e essa não é minha intenção com esse texto. Minha intenção é mostrar que para cada qual existe um caminho e uma vontade, que precisa ser polida e lapidada, mesmo que estejamos, como estou, fora do complexo da árvore da vida.

Dessa “unidade magística” fui e voltei por diversas vezes e lutava arduamente contra minhas próprias convicções para ali permanecer. Não que não comungue da magia praticada lá, que não carregue em meu sangue o êxtase da comunhão com aqueles, digamos, Deuses e entidades, mas a forma dogmática e o local passaram a se tornar uma prisão. Uma prisão cujas correntes comecei arrastar contra meus desejos e o pior, contra a minha natureza.

Alguns podem acrescentar “ah, mas você não passa de uma rebelde”. Ao que responderia “sim, a rebeldia é parte do processo de desenvolvimento sem a qual não ocorreriam as revoluções”. A questão é que, por longos anos me curvei àquele dogmatismo pela finalidade, por não entender que a finalidade estava na minha essência e não nas pessoas e no local. A rebeldia faz parte de um grito de liberdade enraizado dentro do seu peito quando você se percebe parte daquilo, mas não parte daquele todo.

O caminho do Probacionista não é fácil. Eliminar aquilo que te escraviza é doloroso, é como arrancar o próprio olho, assim como fez o Deus Odin para, ao final de sua jornada de auto sacrifício, durante 9 noites e 9 dias, chegar à fonte do conhecimento e poder beber dela o segredo (as runas) e distribuí-las aos que buscassem por este segredo.

Entender que o que é bom para o outro pode não ser bom para você é parte do cerne do entendimento profundo da liberdade da órbita do outro e, principalmente, da sua órbita, oh estrela. O olhar desprovido da neblina do dogmatismo e desentendimento não pertence ao que julga o caminho do outro, mas sim ao que é capaz de julgar o próprio caminho.

Pensei que após a decisão de deixar aquela “unidade mágica” a frase “os escravos servirão” sumiria da minha mente... Ledo engano! Porém, e com certa agonia no começo, mas com um sentimento profundo de início de transformação de consciência, eu percebi ela “gritar” novamente, apontando outras direções. Pode ser que estejamos acorrentados numa bela paisagem da natureza, cercada de matizes agradáveis e não tenhamos olhos para observar as correntes.

Ali, naquele espaço havia amor, companheirismo, família... Mas também haviam as correntes invisíveis, aquelas com as quais me acostumei e eram irreconhecíveis, pois era algo que bem preenchia o vazio da minha alma e coração, mas acabava por transbordar o fel do meu descontentamento. E com isso quero dizer que a escravidão é cômoda e irresoluta. Ela traz certo conforto na alma e coração e uma falsa impressão de que tudo está bem, em seu devido lugar. Uma ínfima parte de seu ser sente que está no caminho certo, que está fazendo o que é certo para o outro, mas, quando você se dá conta de que sua essência está sendo ignorada por você mesmo, a sua natureza no mais profundo ecoa pela liberdade.

E não estou aqui criticando aquela “unidade mágica”, de forma alguma. É uma tradição, com suas bases filosóficas muito bem fundamentadas. Estou me possibilitando me auto-criticar uma vez que eu lutava contra minha própria natureza. Lá foi um belo espaço de aprendizado, convivência, amor entre pessoas e disso nunca vou me esquecer e deixar de agradecer. Mas definitivamente não é minha essência fundamental. E além disso, eu poderia ter sido egoísta e ter continuado para preencher minha vaidade, apenas. Mas isso seria desonesto comigo e com os demais.

Há dentro de cada um uma vontade e uma Vontade. Quando essas forças entram em conflito, e isso para o probacionista é uma constante, talvez seja momento de auto análise. Alguns precisam parar, outros precisam repensar... Há na vontade uma força chamada procrastinação. Há na Vontade a chave do caminho do adepto. A vontade sempre irá lutar com todas as forças contra a Vontade. O desejo será o abismo diante da necessidade... Evocar a Vontade se torna a tarefa mais árdua, aquela em que falta até ar, o ponto da caminhada em que nos sentimos presos numa espécie de poço de piche. E não há deus ou deuses, há você e você mesmo. Você diante do espelho de suas fraquezas e suas forças. O limiar da tentativa e erro...

Soror VBTyr 3111